A LIAHONA

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS • AGOSTO DE 1999



Res
BOOK AREA
M205.5
L694POR
1999
Aug

AGOSTO DE 1999

A LIAHONA





NA CAPA:
Primeira capa: A luz do evangelho brilha nos olhos de William Béalo de Nova Caledônia. *Última capa:* Os membros da Igreja em Nova Caledônia provêm de diversas etnias, mas são unidos na edificação do reino de Deus. Ver "Ilhas de Luz", página 32. (Fotografia de R. Val Johnson.)

CAPA DE O AMIGO
Ilustração de Robert T. Barrett.

SUMÁRIO

2 **MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA: HORIZONTES PERDIDOS** PRESIDENTE JAMES E. FAUST
14 **PALAVRAS DO PROFETA VIVO**
16 **A LEI MAIOR** LARRY E. DAHL
25 **MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES: GRATIDÃO**
32 **ILHAS DE LUZ** R. VAL JOHNSON
44 **A NOITE FAMILIAR NÃO PRECISA SER PERFEITA** PAUL J. RANDS

ESPECIALMENTE PARA OS JOVENS

7 **MENSAGEM MÓRMON: É COM VOCÊ**
8 **SERVIR DE TESTEMUNHA** SHANNON D. JENSEN
10 **LIMPEZA DE CACTOS** SHANNA GHAZNAVI
26 **VOZES DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS: CHAMADOS A SERVIR**
48 **ANDAR A SEGUNDA MILHA** LISA M. G. CROCKETT

O AMIGO

2 **DE UM AMIGO PARA OUTRO: ÉLDER CLÁUDIO R. M. COSTA**
5 **TENTAR SER COMO JESUS: UM MISSIONÁRIO PARA MINHA FAMÍLIA** ELAINE CRISTINA PADILHA SLUZARSKI
6 **FICÇÃO: A ENTREVISTA** LISA H. FERNELIUS
8 **JOGO DE PREPARAÇÃO PARA O TEMPLO** MARLENE THOMAS
10 **PARA OS AMIGUINHOS: "VOCÊ É QUEM SABE!"** CARMEN DE HERNÁNDEZ
12 **TEMPO DE COMPARTILHAR: SOU CAPAZ DE GUARDAR O CONVÊNIO** SYDNEY S. REYNOLDS
14 **NINGUÉM PARA BATIZAR MICHAEL** ELLEN JOHNSON



VER PÁGINA 2



VER PÁGINA 10



VER PÁGINA 44

Agosto de 1999, Vol. 23, N° 8
A Liahona, 99988 059

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

A Primeira Presidência: Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson, James E. Faust

Quórum dos Doze: Boyd K. Packer, L. Tom Perry, David B. Haight, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin, Richard G. Scott, Robert D. Hales, Jeffrey R. Holland, Henry B. Eyring

Editor: Marlin K. Jensen

Consultores: Jay E. Jensen, John M. Madsen

Administradores do Departamento de Currículo:
Diretor Gerente: Ronald L. Knighton
Diretor de Planejamento e Editorial: Richard M. Romney
Diretor Gráfico: Allan R. Loyborg

Equipe Editorial:
Editor Gerente: Marvin K. Gardner
Editor Gerente Assistente: R. Val Johnson
Editor Adjunto: Roger Terry
Adjunto Editorial: Jenifer Greenwood
Coordenadora Editorial e de Produção: Beth Dayley
Assistente de Publicações: Konnie Shakespear
Assistente Editorial: Lanna J. Carter

Equipe de Diagramação:
Gerente Gráfico da Revista: M. M. Kawasaki
Diretor de Arte: Scott Van Kampen
Diagramador Sênior: Sharri Cook
Diagramador: Tadd R. Peterson
Gerente de Produção: Jane Ann Peters
Produção: Reginald J. Christensen, Denise Kirby, Jason L. Mumford, Deena L. Sorenson
Pré-Impressão Digital: Jeff Martin

Equipe de Assinaturas:
Diretor: Kay W. Briggs
Gerente de Circulação: Kris Christensen
Gerente: Joyce Hansen

A Liahona:
Diretor Responsável e Produção Gráfica: Dario Mingorance
Editor: Luiz Alberto A. Silva (Reg. 17.605)
Tradução e Notícias Locais: Reynaldo J. Pagura
Assinaturas: Cezare Malaspina Jr.

© 1999 por Intellectual Reserve, Inc. Todos os direitos reservados. Impressa no Brasil.

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob n° 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.

"A Liahona"– © 1977 de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, n°1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n°4857, de 9-11-1930. Impressa no Brasil por ULTRAPRINT Impressora Ltda. – Rua Achilles Orlando Curtolo, 597/617 – Barra Funda – São Paulo – SP – 01144-000.

ASSINATURAS: Toda correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada a: Departamento de Assinaturas de *A Liahona* Caixa Postal 26023, CEP 05599-970 – São Paulo, SP. Preço da assinatura anual para o Brasil: R$ 15,00. Preço do exemplar em nossa agência: R$ 1,50. Para Portugal – Centro de Distribuição Portugal, Rua Ferreira de Castro, 10 – Miratejo, 2800 – Almada. Assinatura Anual: 1.300$00. Para o exterior: Exemplar avulso: US$ 3.00; Assinatura: US$ 30.00. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o endereço antigo e o novo.

Envie manuscritos e perguntas para: International Magazine, 50 East North Temple, Floor 25, Salt Lake City, UT 84150-3223, USA. Ou envie um e-mail para: CUR-Liahona-IMag@ldschurch.org

O "International Magazine" é publicado em albanês, búlgaro, cebuano, chinês, tcheco, dinamarquês, holandês, inglês, estoniano, fijiano, finlandês, francês, alemão, haitiano, húngaro, islandês, indonésio, italiano, japonês, quiribatiano, coreano, letão, lituano, norueguês, polonês, português, romeno, russo, samoano, espanhol, sueco, tagalo, taitiano, tailandês, tonganês, ucraniano e vietnamita. (A periodicidade varia de uma língua para outra.)


O QUE DEVEMOS EXAMINAR NAS ESCRITURAS?

BANQUETEAR-SE NAS ESCRITURAS

Quando recebi *A Liahona* de maio de 1998 (português) e li o artigo "O Que Devemos Examinar nas Escrituras", senti um grande desejo de banquetear-me com as escrituras e nutrir o espírito. O estudo das escrituras está aumentando meu amor pelo evangelho, fortalecendo meu testemunho e ajudando-me a saber mais sobre o que o Pai Celestial deseja que eu faça.

Elsa Soto,
Ala Indianópolis,
Estaca São Paulo Brasil Santo Amaro

COMPARTILHAR A REVISTA COM OUTRAS PESSOAS

Como é bom ler a *Liahona* (espanhol) todos os meses! É uma forma muito gratificante de nutrir o espírito. A revista é excelente para qualquer pessoa, seja ou não membro da Igreja. É uma grande bênção poder contar com ela.

Nossa família gostaria de incentivar os membros a assinarem a *Liahona*, bem como a presentear outra família ou amigos com uma assinatura da revista para que eles também possam ter a oportunidade de desfrutar do enriquecimento espiritual que ela proporciona. A *Liahona* é publicada em 37 idiomas.

Nós e outros membros do primeiro ramo espanhol de Minnesota estamos muitos felizes com a notícia de que um pequeno templo será construído em nossa área!

Pedro e Adriana Pinner e família,
Primeiro Ramo de Twin Cities (Espanhol),
Estaca Anoka Minnesota

Nota do Editor: *Para assinar* A Liahona *em qualquer dos 37 idiomas em que ela é publicada, veja as informações ao lado ou entre em contato com o centro de distribuição local, ou ainda, fale com o encarregado da assinatura da revista em sua ala ou ramo.*

ESPERA ANSIOSA

Agora que nossa família mora em Utah, ficamos ainda mais ansiosos pela chegada da *Liahona* (espanhol) todos os meses. Ela serve como um elo entre nós e nossa língua e outros membros da Igreja que vivem em diferentes partes do mundo. A *Liahona* faz-nos lembrar de que raça, cor, cultura ou idioma não devem separar as pessoas. Todos nós estamos lutando diariamente para sermos dignos das bênçãos maravilhosas que o Pai Celestial nos deu.

Martina González de Fernández,
Ala BYU 102,
Sexta Estaca BYU

Nota do Editor: *A carta acima foi a primeira que recebemos por e-mail. Estamos entusiasmados com a idéia de aproveitar essa nova tecnologia e convidamos todos os leitores a enviarem e-mails com sugestões e comentários no seguinte endereço:* CUR-Liahona-IMag@ldschurch.org. *Para entrar em contato conosco utilizando o correio normal, escreva para* International Magazine, 50 East North Temple Street, Floor 25, Salt Lake City, UT 84150-3223, USA. *Por favor, continuem a enviar fotografias pelo correio normal.*

JESUS CURANDO O ENFERMO, DE GRIFFITH FOXLEY. USADO COM A PERMISSÃO DE THE PROVIDENCE LITHOGRAPH COMPANY.



JESUS CURANDO O ENFERMO, DE GRIFFITH FOXLEY. USADO COM A PERMISSÃO DE THE PROVIDENCE LITHOGRAPH COMPANY.

HORIZONTES PERDIDOS

Presidente James E. Faust
Segundo Conselheiro na Primeira Presidência

Presto testemunho da divindade deste trabalho e da veracidade de Jesus de Nazaré, nosso Divino Redentor, que deve ser nosso constante companheiro ao buscarmos e descobrirmos nossos antigos horizontes perdidos.

Um romance muito popular publicado há alguns anos chamava-se *Horizontes Perdidos*. Gostaria de lançar um desafio aos santos de todo o mundo para que ampliem sua visão em vez de limitá-la, de modo que não haja nenhum "horizonte perdido" para os membros da verdadeira Igreja do Senhor. Rossiter Raymond demonstrou que o horizonte nada mais é do que o limite de nossa própria visão, e infelizmente a primeira cadeia de montanhas que cerca este pequeno vale é o horizonte da maioria de seus habitantes.

Um amigo meu tem um filho que se formou na Universidade de Harvard. O outro filho se formou na Universidade Stanford. Esse meu amigo começou sua ilustre carreira como entregador de um importante jornal do qual mais tarde se tornou presidente. Também trabalhou na estrada de ferro. Tinha todas as vantagens de conhecer as bênçãos da adversidade. Perguntei-lhe com sincera preocupação: "Será que seus filhos sabem tanto quanto você sabia na idade deles?"

Sou muito grato por ter tido um pai que não mimou excessivamente os filhos, a não ser com amor e apoio moral. Creio que sinto especial gratidão por muitas coisas devido a ter trabalhado em uma fábrica de enlatados e recolhido as latas quentes que saíam da seladora, recebendo o magnífico salário de 25 centavos de dólar por hora. Como efeito colateral de trabalhar naquele emprego, a pele das mãos descascava por causa do calor e umidade das latas. Também era preciso pedalar 16 quilômetros de bicicleta para ir ao serviço e dele voltar todos os dias.

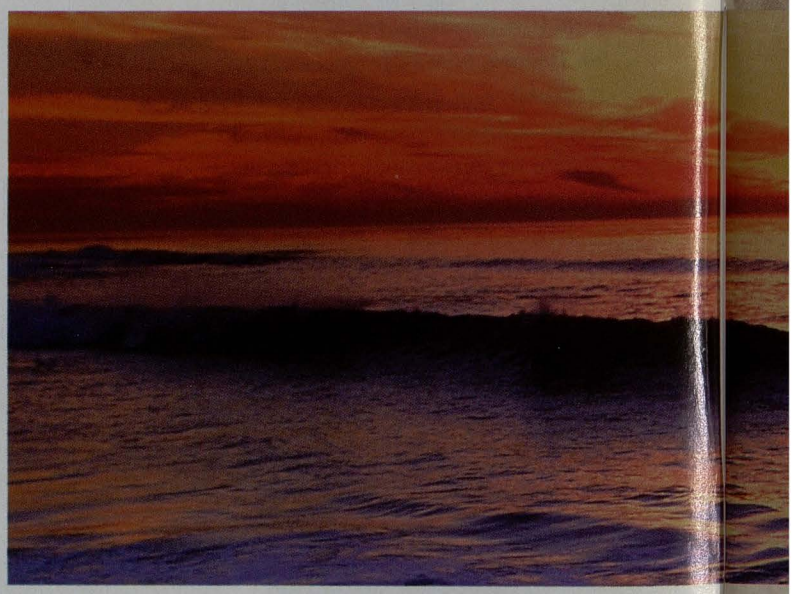
Uma das famílias mais extraordinárias que já conheci foi o casal Alexander R. Curtis, que gerenciava a distribuidora de carvão do bairro de Sugarhouse, em Salt Lake City. Dessa família saíram muitos bispos, presidentes de estaca, presidentes de missão e representantes regionais dos Doze, bem como um presidente do templo e uma Autoridade Geral. Quando perguntaram a um de seus descendentes, o Presidente A. Ray Curtis, a que ele atribuía seu sucesso, respondeu que era à pá de carvão que seu pai colocara em suas mãos quando menino. Há algumas vantagens em termos que trabalhar, labutar e esquecer-nos de nós mesmos. Os tempos de dificuldade podem ser a época mais proveitosa de nossa vida.

Temos uma grande dívida para com Henry Ward Beecher por este maravilhoso pensamento: "Temos aflições na vida, não para que nos entristeçamos, mas amadurecermos; não para que nos arrependamos, mas para tornar-nos sábios; não para desanimar-nos, mas para refrescar-nos com sua escuridão, assim como a noite refresca o dia. (. . .) São as tribulações que distinguem o fraco do forte. Uma teia de aranha é tão boa quanto o cabo de aço mais forte, se não tiver que sustentar nenhum peso".

Ao maravilhar-nos com o soberbo trabalho artesanal que se evidencia em muitos lugares do Templo de Salt Lake, não podemos deixar de nos perguntar se um dos horizontes perdidos de nossa geração não seria a excelência no desempenho pessoal. O Apóstolo Paulo deu este bom conselho aos filipenses: "Para que aproveis as coisas excelentes, para que sejais sinceros, e sem escândalo algum até o dia de Cristo". (Filipenses 1:10)

Nosso desafio ao seguirmos um "caminho mais excelente" aparece em duas importantes escrituras. Ao escrever para os coríntios, Paulo declara: "Procurai com zelo os melhores dons; e eu vos mostrarei um caminho mais excelente". (I Coríntios 12:31) Em Éter, Morôni escreve: "Pela dádiva de seu Filho, porém, Deus preparou um caminho mais excelente". (Éter 12:11) Ninguém se ofende com o orgulho de Michelangelo, que esculpiu no corpete da *Pietà* este lembrete a todos os que admiram essa primorosa e sublime obra de arte: "Michelangelo Buonarroti de Florença criou esta obra".

Um dos horizontes que pode ser proveitoso expandir em todos nós é a excelência espiritual. Suponho que todos os membros desta grande Igreja tenham o desejo de ver o Salvador face a face. Essa bênção é possível de ser alcançada, pois Ele disse: "Acontecerá que toda alma que abandonar seus pecados e vier a mim e invocar meu nome e obedecer a minha voz e guardar meus mandamentos



Um horizonte que espero não seja perdido é o serviço. Refiro-me ao serviço ao próximo, o serviço realizado em nosso chamado, o serviço executado em nossa profissão, o serviço à nossa comunidade e ao nosso país.

A CURA DO LEPROSO, DE HAROLD COPPING. USADO COM A PERMISSÃO DE THE PROVIDENCE LITHOGRAPH COMPANY

A CURA DO LEPROSO, DE HAROLD CORNING. USADO COM A PERMISSÃO DE THE PROVIDENCE LITHOGRAPH COMPANY

verá minha face e saberá que eu sou". (D&C 93:1) Muito poucos de nosso povo avistam esse horizonte, de modo que deixamos de desfrutar as bênçãos de Deus.

Outro horizonte perdido da excelência espiritual é a integridade pessoal, ou a simples honestidade em nosso dia-a-dia. A simples e pura honestidade é muito mais importante do que o conhecimento de logaritmos ou da tabela periódica dos elementos da Terra.

O ponto essencial que será cobrado no exame final de nossa vida é que sejamos verdadeiros com nós mesmos. Shakespeare, falando por meio de Polônio, em Hamlet, disse:

"E, sobretudo, isto: sê fiel a ti mesmo
E tão certo quanto a noite segue o dia,
Jamais serás falso para ninguém"
(ato 1, cena 3, versos 78–80)

Gostaria de mencionar três outros horizontes que espero nunca sejam perdidos de vista por nenhum dos santos.

O primeiro é a confiança em nós mesmos. Há algum tempo, um dos Doze sentou-se com um grupo de ex-alunos das universidades de Utah que tinham recebido uma bolsa de estudos muito especial. Cada um deles contou o que a bolsa de estudos tinha significado em sua vida. De modo geral, expressavam gratidão pelo dinheiro em si, pois tinha sido recebido em um momento de grande necessidade, mas muito freqüentemente também foi manifestada gratidão pela autoconfiança que aquele reconhecimento tinha proporcionado ao estudante. A excelência é fruto da confiança que depositamos em nós mesmos.

O segundo horizonte perdido pode ser a boa forma física. Mais do que o fortalecimento dos músculos, existe um fortalecimento da determinação, da autodisciplina e do caráter quando participamos de atividades esportivas. Meu irmão Gus e eu de vez em quando caminhávamos oito quilômetros, da escola até em casa, depois de termos jogado futebol americano e treinado atletismo. Para muitos, isso parecia tolice, mas havia uma certa satisfação em perseverarmos ao enfrentar um esforço físico extenuante.

O terceiro horizonte que espero não seja perdido é o serviço. Refiro-me ao serviço ao próximo, o serviço realizado em nosso chamado, o serviço executado em nossa profissão, o serviço à nossa comunidade e ao nosso país. A maioria de nossos horizontes em expansão incluem o serviço e a dedicação. Os membros da Igreja devem ser o fermento do mundo, e se não estivermos servindo no mundo, como poderemos ser esse fermento?

Nem sempre escolhemos por conta própria os horizontes da vida nos quais serviremos. A palavra do Senhor veio a Jonas, dizendo: "Levanta-te, vai à grande cidade de Nínive". (Jonas 1:2) Devem lembrar-se de que Jonas fugiu. Ele foi para Jope e depois para Társis, para longe da presença do Senhor. (Ver versículo 3.) Jonas descobriu que o Senhor tinha outros planos para ele, e três dias e três noites no ventre do grande peixe que o engoliu fizeram com que mudasse de idéia a respeito de muitas coisas. (Ver Jonas 1:17–3:3.)

Presto testemunho da divindade deste trabalho e da veracidade de Jesus de Nazaré, nosso Divino Redentor, que deve ser nosso constante companheiro ao buscarmos e descobrirmos nossos horizontes anteriormente perdidos. □

IDÉIAS PARA OS MESTRES FAMILIARES

1. Os momentos em que estamos trabalhando e nos esforçando para alcançar novos horizontes podem ser os mais proveitosos de nossa vida.

2. Nossos novos horizontes podem ser:
- a excelência espiritual;
- a integridade pessoal;
- a confiança em nós mesmos;
- a boa forma física;
- o serviço ao próximo, em nosso chamado, em nossa profissão e para nossa comunidade e país.

3. Teremos mais sucesso em alcançar nossos horizontes se contarmos com a companhia de nosso Senhor Jesus Cristo.

FOTOGRAFIA DE JOHN LUKE; A CRUCIFICAÇÃO, ARTISTA DESCONHECIDO



MENSAGEM MÓRMON

É COM VOCÊ

Pense no que o Salvador fez.
Pense no que você está fazendo.
(Ver D&C 19:16–17.)

FOTOGRAFIA DE JOHN LUKE; A CRUCIFICAÇÃO, ARTISTA DESCONHECIDO

Servir de Testemunha

Shannon D. Jensen

Eu já havia repetido aquelas palavras centenas de vezes. Agora elas estavam prestes a ser mais do que palavras. Precisava torná-las realmente significativas.

Devo ter recitado o tema das Moças milhões de vezes antes de ter tido aquela experiência que me ajudou a compreender sua importância.

Na abertura da reunião das Moças, eu geralmente recitava o tema sem prestar muita atenção no que estava dizendo. Um dia, porém, quando eu estava no início do secundário e tive de tomar uma importante decisão, aquelas palavras inspiradas surgiram-me à mente.

Nosso professor separou-nos em grupos e deu-nos designações para a realização de um projeto. Cada grupo escolheu um trecho de uma peça para representá-lo na classe. Passamos os quatro dias subseqüentes preparando-nos para a apresentação e começamos a ouvir rumores de que um grupo de meninos havia escolhido representar uma cena controvertida a respeito de moralidade. Muitos de nós ficamos surpresos quando soubemos que o professor permitira a apresentação do trecho escolhido. Ele argumentou que se tratava de uma peça bem conhecida e que, "pela arte", deveria deixar que o grupo fizesse aquela apresentação.

No dia das apresentações, nosso professor discutiu novamente a cena controvertida e concordou que poderia ser ofensiva. Depois, acrescentou: "Os que se sentirem incomodados têm minha permissão para sair da sala". Por brincadeira, metade da classe levantou-se e fingiu sair. Quem não gostaria de aproveitar para almoçar mais cedo?

Comecei a ficar um tanto nervosa quando os meninos começaram a fazer sua apresentação. A princípio, várias colegas de classe enrubesceram e começaram a dar risadinhas, constrangidas; porém, com o desenrolar da cena, as pessoas foram aos poucos relaxando. Fiquei chocada ao notar que ninguém saiu da sala. Olhei para as poucas amigas da Igreja que eu tinha, esperando que uma delas desse um sinal para sairmos juntas, mas nenhuma se moveu. Fiquei sentada à minha carteira, de cabeça baixa para que ninguém visse meu rosto vermelho como pimentão. Senti-me muito mal, mas também estava com receio de sair da sala. Afinal de contas, aquilo era arte, certo?

Naquele momento, o tema das Moças surgiu-me na mente: "Seremos 'testemunhas de Deus em todos os momentos, em todas as coisas e em todos os lugares' (Mosias 18:9)". Imediatamente, percebi o que estava acontecendo. "Todos os lugares" significava qualquer lugar, até mesmo numa sala de aula com meus amigos.

Levantei-me silenciosamente e saí da sala. Ninguém veio atrás de mim. Ninguém aplaudiu meu ato de coragem. Ninguém se converteu com meu exemplo; mas interiormente eu sabia que tinha agido de maneira correta, embora as pessoas tivessem implicado comigo nas semanas seguintes. Senti-me bem por ter sido "testemunha" de minhas crenças "em todos os momentos, em todas as coisas e em todos os lugares". □

ILUSTRADO POR DILLEEN MARSH



ILUSTRADO POR DILLEEN MARSH

LIMPEZA DE CACTOS

Shanna Ghaznavi
FOTOGRAFIA DA AUTORA



Os jovens de Albuquerque preparam-se para um novo templo.

"Ai!" Já foram atacados por um cacto que salta? Os espinhos dos cactos parecem "pular" e furar as roupas, a pele ou qualquer outra coisa a seu alcance.

Os jovens santos dos últimos dias do Novo México sabem como é difícil livrar-se de um cacto espinhento. Contudo, praticaram um pouco ao fazer a limpeza do terreno em que vai ser construído o templo de Albuquerque Novo México. Armados de pás, rastelos e luvas, os jovens de quatro estacas reuniram-se em uma quente manhã de sábado para retirar os arbustos, lixo e cactos para que o local esteja seguro e os participantes da cerimônia de abertura de terra possam caminhar livremente.

"Trabalhamos arduamente, mas realmente valerá a pena quando virmos o templo pronto", diz Robyn Sampson, de quinze anos.

Antes da prefeitura de Albuquerque aprovar os planos para o templo, os jovens jejuaram e oraram pela solução dos problemas que o gerente do projeto enfrentou ao apresentar os planos às autoridades municipais. Agora, dizem estar jejuando e orando pelos construtores. Mas as orações e a limpeza são apenas parte do trabalho que os jovens de Albuquerque estão realizando para prepararem-se para o templo. Também estão esforçando-se para que sua própria vida esteja limpa.

ESPINHOS DE CACTOS E COBRAS

Apesar dos carrapichos nas meias e dos sustos momentâneos com cobras ou lagartos, os jovens de Albuquerque tiveram sucesso em limpar o terreno do futuro templo de todos os cactos espinhosos e cacos de vidro que conseguiram



Acima: Projeto arquitetônico do templo de Albuquerque Novo México. *Detalhe:* Rosalie Campbell, de doze anos, diz: "Estamos muito felizes porque vamos ter um templo aqui. Achávamos que isso nunca iria acontecer".

encontrar. Pode parecer estranho, mas eles até gostaram de arrancar cactos e encher caminhões de mato e entulho.

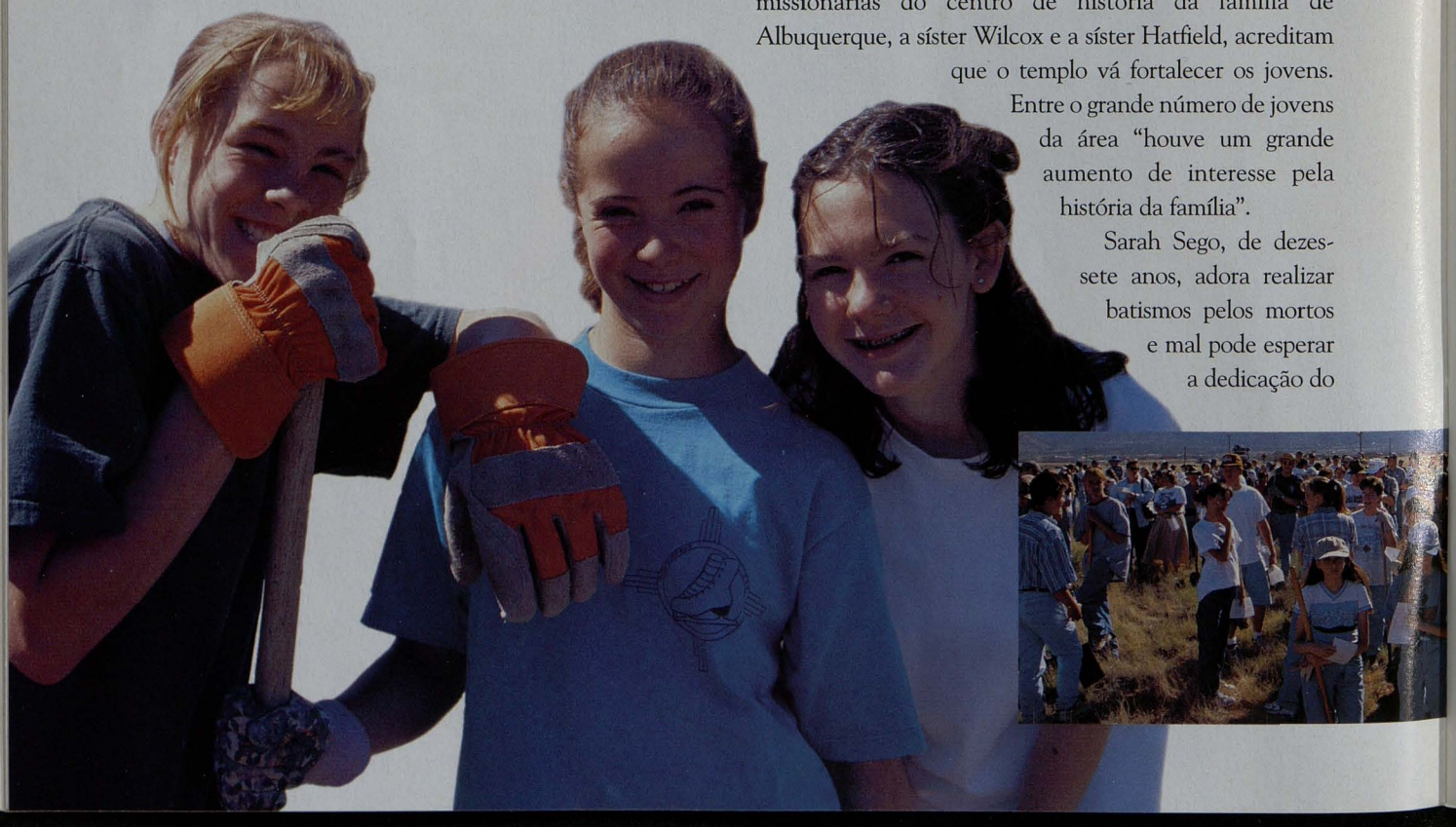
"Estamos muito felizes porque vamos ter um templo aqui. Achamos que isso nunca iria acontecer", diz Rosalie Campbell, de doze anos.

Amber Chee, de dezessete anos, está ansiosa para fazer batismos pelos mortos e um dia casar-se no templo de Albuquerque. "Foi muito divertido vir aqui. Senti o Espírito", diz ela.

Tanto Rosalie como Amber já fizeram batismos pelos mortos antes, mas as caravanas ao templo só ocorrem uma vez por ano para os jovens de Albuquerque, que precisam viajar pelo menos oito horas para chegar ao templo mais próximo.

"Os templos sempre eram algo distante", diz Neil Peterson. Limpando o suor do rosto, esse rapaz de dezesseis anos afirma gostar de ajudar em algo tão importante, ainda que seja trabalhoso.

Centenas de jovens ajudaram a preparar o terreno do templo para a cerimônia de abertura.



SOMOS TEMPLOS

Além de estar atenta aos cactos, Michelle Williams está pensando no significado que um templo em sua área terá e no motivo que a leva a limpar seu terreno. "É muito simbólico", diz ela. "É preciso estar limpo para entrar no templo."

Logan King está esperando seu chamado como missionário de tempo integral. Ele não poderá ir ao templo de Albuquerque antes da missão, mas percebe a importância da dignidade para freqüentar o templo. "Precisamos arrancar todos os cactos de nossa vida antes de podermos ir ao templo", compara.

AS PESSOAS ESTÃO ESPERANDO

A pesquisa da história da família é outra forma pela qual os jovens de Albuquerque estão preparando-se para o templo. Muitos deles se entusiasmaram pela história da família ao saberem que logo terão um templo na região. As missionárias do centro de história da família de Albuquerque, a síster Wilcox e a síster Hatfield, acreditam que o templo vá fortalecer os jovens. Entre o grande número de jovens da área "houve um grande aumento de interesse pela história da família".

Sarah Sego, de dezessete anos, adora realizar batismos pelos mortos e mal pode esperar a dedicação do

templo para poder fazê-lo com mais freqüência. "Sei que é a coisa certa a se fazer, pois todas essas pessoas estão esperando", testifica.

UMA FERRAMENTA MISSIONÁRIA

Sarah está ansiosa para dizer às pessoas porque gosta tanto de ir ao templo. Ela fala aos amigos sobre o templo e até chegou a prestar testemunho do trabalho do templo à sua classe do segundo grau.

Sarah não está sozinha nesse trabalho missionário. Muitos membros da Igreja estão tendo a oportunidade de explicar o evangelho às pessoas por causa do templo.

"Acho que o templo nos colocará em maior evidência", diz Lisa Willis, de quatorze anos. Ela também está falando do templo para os amigos. "A melhor parte da construção de um templo é quando as pessoas perguntam a seu respeito", diz ela.

Os missionários de tempo integral de Albuquerque também trabalharam com afinco na limpeza do terreno. Afirmam que os membros da área sentem que o templo trará muitas bênçãos a todos os habitantes da cidade.

"Ao bater em portas certo dia, chegamos a uma casa em que uma mulher abriu a porta e disse: 'Ouvi dizer que vocês estão construindo um daqueles templos'. Isso nos deu a oportunidade de entrar e conversar com ela sobre a Igreja", diz o Élder Moyer, da Califórnia. Muitos outros missionários têm histórias semelhantes para contar.

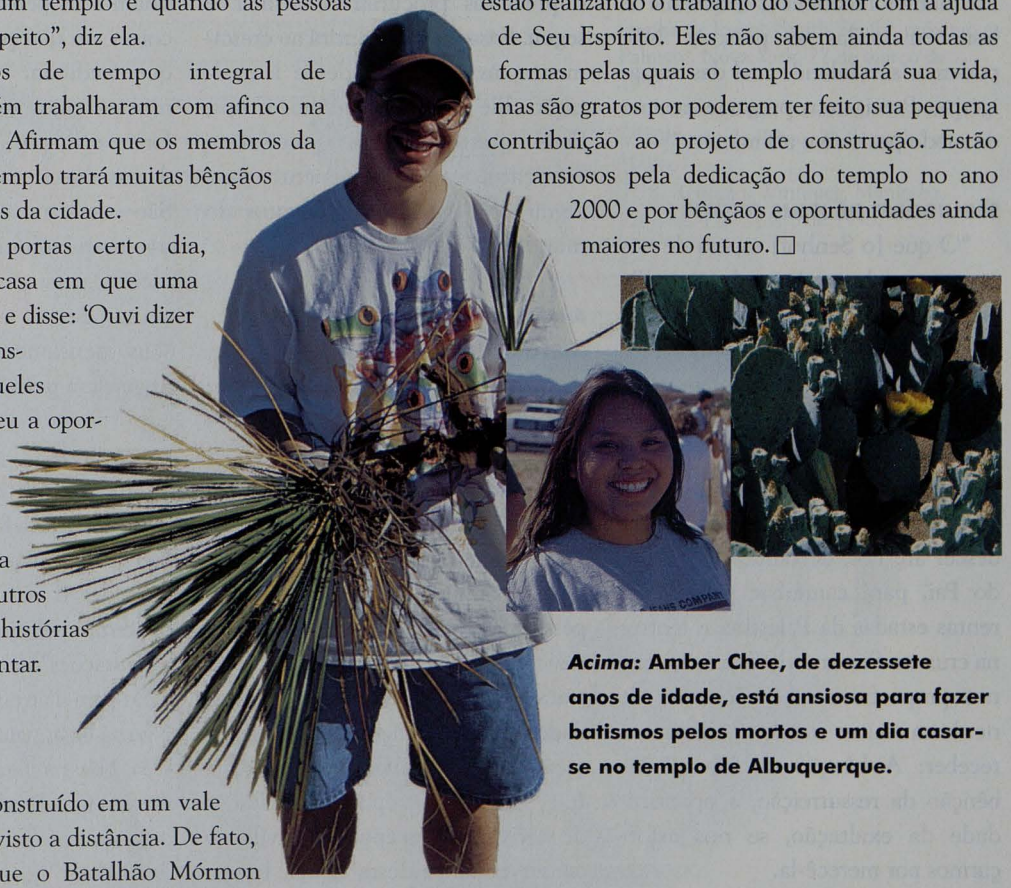
"NO MONTE A BANDEIRA"

O templo será construído em um vale de onde poderá ser visto a distância. De fato, é o mesmo vale que o Batalhão Mórmon atravessou em sua famosa marcha do rio Missouri para a Califórnia.

Na cerimônia de abertura de terra, muitos jovens que estavam na limpeza também cantaram no coro de jovens. A melodia de "No Monte a Bandeira" (*Hinos*, 4) foi ouvida pelas milhares de pessoas que se reuniram para assistir à dedicação do terreno.

"Reunimo-nos para comemorar a construção de nosso templo", diz Tyler Lindsey, de dezesseis anos. "Sei que era o certo e que o terreno era sagrado. Não sei como ficou nossa apresentação do coro, mas o Espírito estava presente."

O Espírito *está* presente. O espírito do serviço, da obra missionária e do amor pode ser sentido com grande intensidade em Albuquerque. Seja arrancando cactos ou fazendo batismos pelos mortos, os jovens de Albuquerque estão realizando o trabalho do Senhor com a ajuda de Seu Espírito. Eles não sabem ainda todas as formas pelas quais o templo mudará sua vida, mas são gratos por poderem ter feito sua pequena contribuição ao projeto de construção. Estão ansiosos pela dedicação do templo no ano 2000 e por bênçãos e oportunidades ainda maiores no futuro. □



Acima: **Amber Chee, de dezessete anos de idade, está ansiosa para fazer batismos pelos mortos e um dia casar-se no templo de Albuquerque.**

Palavras do Profeta Vivo

Reflexões e Conselhos do Presidente Gordon B. Hinckley



SEJAM BONS VIZINHOS

"[O Senhor] espera que sejamos bons vizinhos, cristãos em todos os sentidos da palavra, que sigamos a Regra de Ouro — 'Tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-lho também vós'. — (Mateus 7:12; 3 Néfi 14:12) Meus irmãos e irmãs, precisamos ser bons vizinhos. Precisamos ser pessoas cordiais. Precisamos reconhecer o que há de bom em todas as pessoas. Não podemos sair falando mal das outras igrejas. Precisamos pregar e ensinar de modo positivo e afirmativo."[1]

SEGUIDORES DE JESUS CRISTO

"O que [o Senhor] espera de nós como membros desta Igreja? Ele espera que sejamos santos dos últimos dias. Espera que sejamos Seus seguidores. Espera que adotemos em nossa própria vida alguns dos exemplos da vida do Salvador, o único homem perfeito que já viveu sobre a face da Terra, que condescendeu em descer até nós, deixando a presença do Pai, para caminhar pelas poeirentas estadas da Palestina e morrer na cruz em Sua grande Expiação, que nos proporcionou bênçãos que de nenhum outro modo poderíamos receber: A bênção da salvação, a bênção da ressurreição, a oportunidade da exaltação, se nos esforçarmos por merecê-la.

(. . .) Temos o grandioso exemplo do Redentor do mundo, cuja vida e preceitos procuramos ensinar e seguir. E isso nos conduzirá ao crescimento, às oportunidades e à exaltação. Ele abriu o caminho. E nós, Seus gratos servos, precisamos esforçar-nos constantemente para seguir o exemplo do Redentor do mundo."[2]

A MAIS GRANDIOSA ÉPOCA DA HISTÓRIA DA IGREJA

"Meus irmãos e irmãs, estamos vivendo no dia do cumprimento da profecia. Esta é a mais grandiosa época da história da Igreja. Nunca houve uma época como esta. Somos mais numerosos que nunca: Uma grande família de 10 milhões de pessoas espalhadas por 160 países. Os meios de comunicação nos tratam com sinceridade, generosidade e justiça. Temos uma boa reputação entre a maioria das pessoas. (. . .) Esta é uma época maravilhosa de se viver. É uma época maravilhosa de ser membro desta Igreja. Invejo estes jovens que estão aqui reunidos hoje. Eles têm toda a vida pela frente. Verão coisas maravilhosas nos anos vindouros. Não tenho a menor dúvida disso. A Igreja crescerá cada vez mais, e nenhuma força abaixo dos céus poderá detê-la."[3]

PENSAMENTOS PUROS

"Quero pedir-lhes que mantenham seus pensamentos limpos: As coisas em que pensam, as coisas em que meditam. Não tenham pensamentos sujos ou impuros e sejam fortes e limpos, mantendo-se longe dessas coisas. Elas irão destruí-los. São como um veneno terrível. Elas irão derrubá-los e arruinar completamente a sua vida. Permaneçam acima dessas coisas. Mantenham seus pensamentos limpos e sua linguagem pura."[4]

HUMILDADE

"As pessoas perguntam-me qual é minha escritura favorita. Eu respondo: 'Bem, há várias. Uma delas é: "Sê humilde; e o Senhor teu Deus te conduzirá pela mão e dará resposta a tuas orações". (D&C 112:10)' Não há lugar para a arrogância em nossa vida. Não há lugar para o desprezo em nossa vida. Não há lugar para o egoísmo em nossa vida. Precisamos ser humildes perante o Senhor. Ele assim o declarou, e se o fizermos, Ele ouvirá

À ESQUERDA: FOTOGRAFIA DE JED CLARK; ACIMA, À DIREITA: A TAÇA AMARGA, DE SIMON DEWEY; À DIREITA: FOTOGRAFIA DE WELDEN C. ANDERSEN



nossas orações e responderá a elas com uma bênção sobre nossa cabeça."[5]

TESTEMUNHO

"Nenhum converso foi conquistado com discussões acaloradas. Estou convencido disso. Depois de tudo ter sido dito e feito, é preciso um humilde testemunho para se conquistar um converso para esta Igreja."[6]

INSPIRAÇÃO

"Mantenham a mente aberta à inspiração do Senhor. Ouçam os sussurros do Espírito. Lembro-me de quando o irmão [Harold B.] Lee me designou como presidente de estaca. Ele disse: 'Ouça os sussurros do Espírito no silêncio da noite'. Hoje eu creio nisso. Vi por experiência própria e posso testificar que o Senhor nos fala com uma voz calma e tranqüila. Não ouvi nenhuma palavra, mas no meio da noite, surgiram idéias em minha mente que, em minha opinião, foram de natureza profética."[7]

RETENÇÃO DE MEMBROS

"Todo converso desta Igreja precisa e merece ter alguém que o acolha e se torne seu amigo. Todo converso que se filia a esta Igreja precisa ter um trabalho para fazer. O tempo e o trabalho fazem com que as pessoas cresçam. Todo converso desta Igreja precisa de alguém para responder a suas perguntas e dúvidas. (. . .) Façam a sua parte! Vamos estender a mão para essas pessoas! Vamos fazer amizade com elas! Sejamos gentis com elas! Vamos incentivá-las! Vamos aumentar sua fé e seu conhecimento a respeito desta que é a obra do Senhor."[8] □

NOTAS

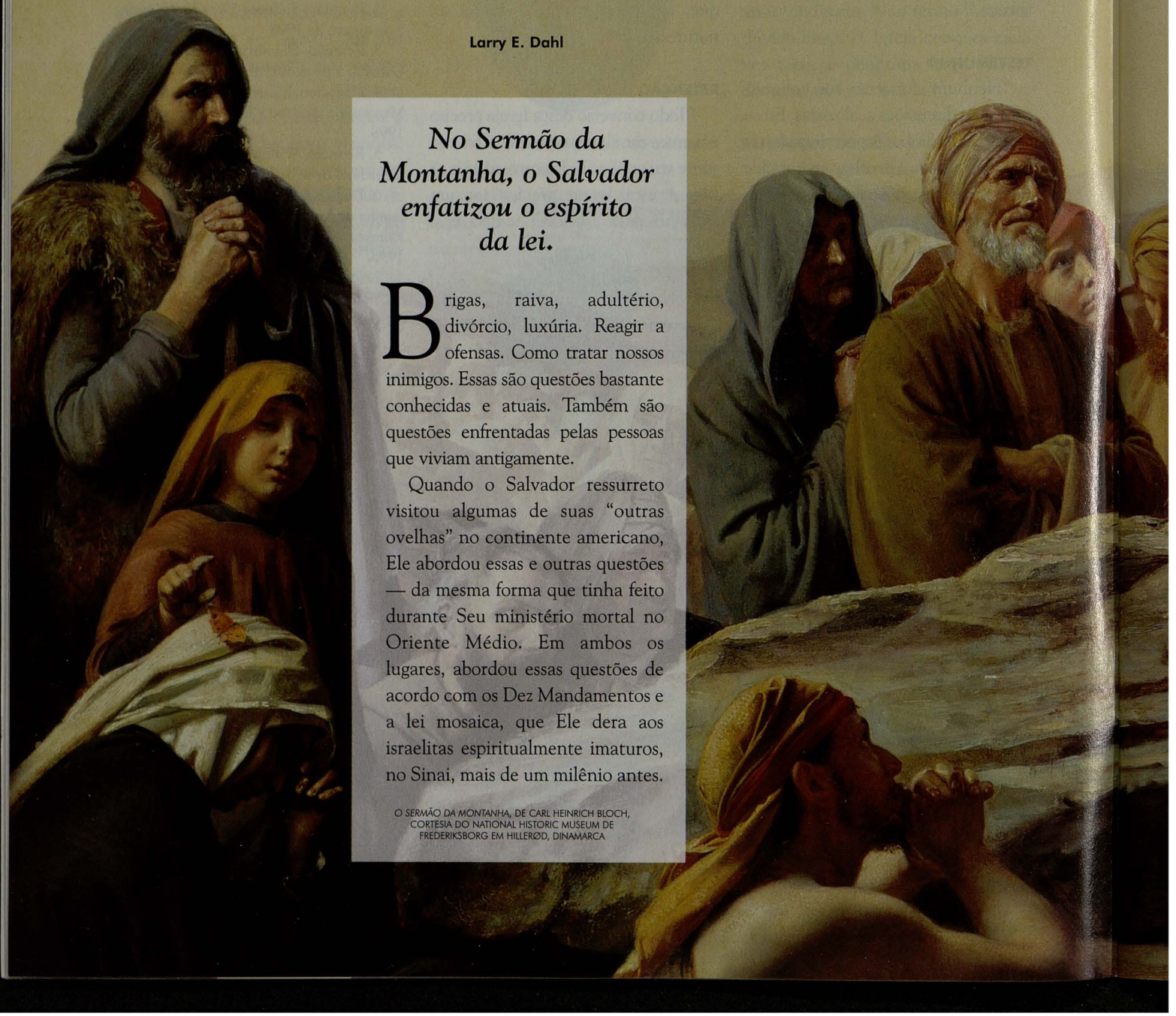
1. Reunião, Sudbury, Ontário, Canadá, 5 de agosto de 1998.
2. Reunião, Sudbury, Ontário, Canadá, 5 de agosto de 1998.
3. Reunião, Hamilton, Ontário, Canadá, 5 de agosto de 1998.
4. Devocional, Centro de Treinamento Missionário de Provo, 26 de junho de 1998.
5. Reunião, Winnipeg, Manitoba, Canadá, 4 de agosto de 1998.
6. Dedicação da casa de toras da família de Joseph Smith Sênior, próximo a Palmyra, Nova York, 27 de março de 1998.
7. Devocional, Centro de Treinamento Missionário de Provo, 26 de junho de 1998.
8. Reunião, Winnipeg, Manitoba, Canadá, 4 de agosto de 1998.



À ESQUERDA: FOTOGRAFIA DE JED CLARK; *ACIMA, À DIREITA:* A TAÇA AMARGA, DE SIMON DEWEY; *À DIREITA:* FOTOGRAFIA DE WELDEN C. ANDERSEN

A LEI MAIOR

Larry E. Dahl

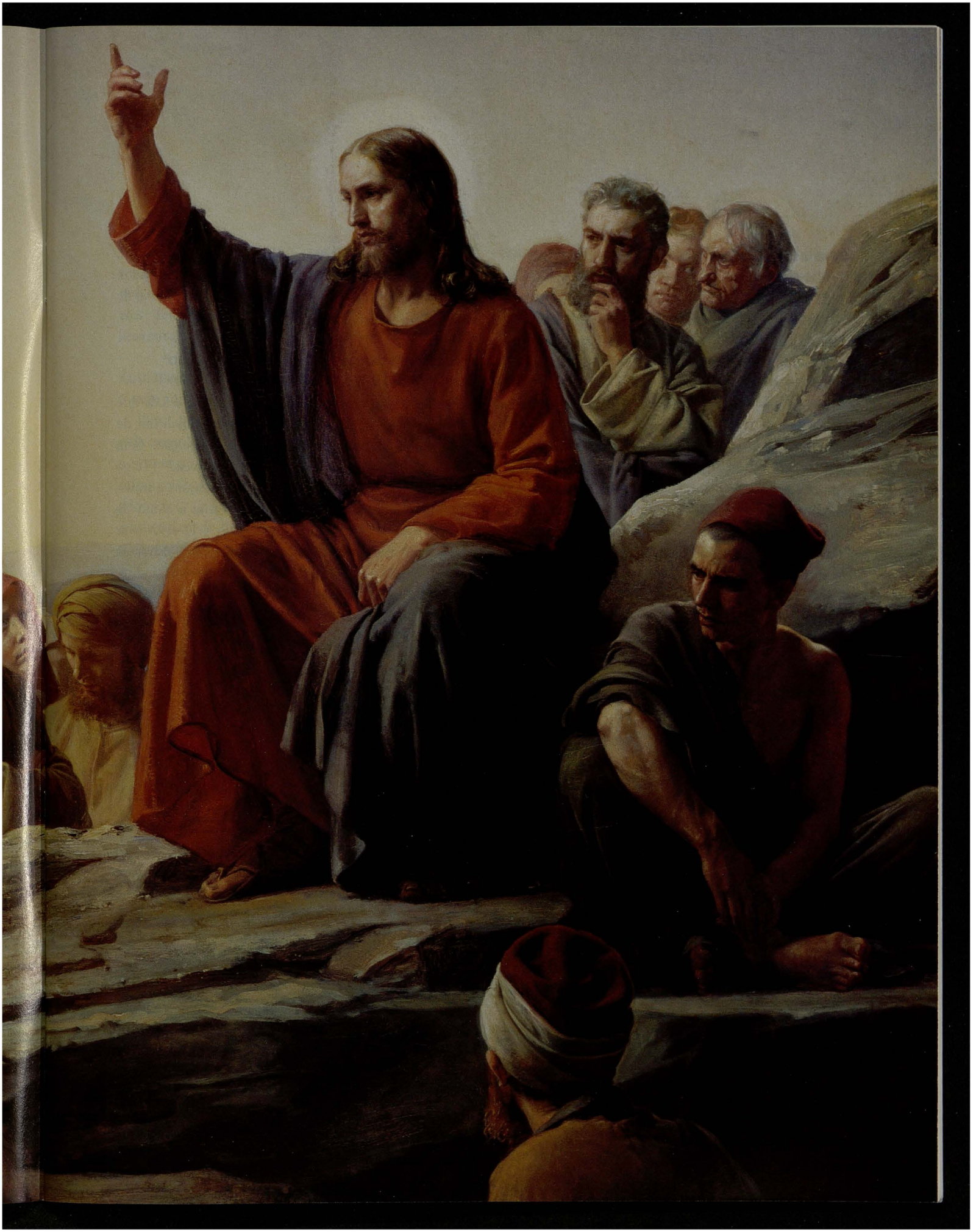


No Sermão da Montanha, o Salvador enfatizou o espírito da lei.

Brigas, raiva, adultério, divórcio, luxúria. Reagir a ofensas. Como tratar nossos inimigos. Essas são questões bastante conhecidas e atuais. Também são questões enfrentadas pelas pessoas que viviam antigamente.

Quando o Salvador ressurreto visitou algumas de suas "outras ovelhas" no continente americano, Ele abordou essas e outras questões — da mesma forma que tinha feito durante Seu ministério mortal no Oriente Médio. Em ambos os lugares, abordou essas questões de acordo com os Dez Mandamentos e a lei mosaica, que Ele dera aos israelitas espiritualmente imaturos, no Sinai, mais de um milênio antes.

O SERMÃO DA MONTANHA, DE CARL HEINRICH BLOCH, CORTESIA DO NATIONAL HISTORIC MUSEUM DE FREDERIKSBORG EM HILLERØD, DINAMARCA



MATAR E IRAR-SE (MATEUS 5:21–24; 3 NÉFI 12:21–24)

A lei dada no Sinai proibia o assassinato. Mas a nova lei de Jesus proibia até "se encolerizar com [o] irmão". (3 Néfi 12:22) É interessante notar que nem o Livro de Mórmon nem a Tradução de Joseph Smith da Bíblia incluem a expressão restritiva "sem motivo", encontrada na maioria das edições da Bíblia. (Ver Mateus 5:22.) Pela lei maior, aparentemente não existe nenhuma justificativa para que nos encolerizemos.

Se nos deixamos encolerizar, talvez sintamos ou digamos coisas ruins a respeito de outras pessoas ou para elas. Cristo admoestou-nos a respeito desse tipo de comportamento, usando especificamente as palavras *louco* e *raca*, que são termos de desprezo ou escárnio em grego ou aramaico. Pode ser que outras palavras sejam empregadas atualmente, mas o princípio continua o mesmo. Sempre que usamos esses termos com raiva ou escarnecendo de alguém, tal comportamento não condiz com a visão do evangelho a respeito do valor das almas.

A raiva é espiritualmente prejudicial para todos os envolvidos, particularmente para o ofensor, que está "sujeito ao (. . .) julgamento [de Deus], ao "conselho" e ao "fogo do inferno". (3 Néfi 12:22) *Conselho*, nesse contexto, provavelmente se refere a um conselho disciplinar eclesiástico semelhante ao Sinédrio de Jerusalém.

"Portanto", disse Jesus, "se vieres a mim ou desejares vir a mim e te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa [qualquer coisa, por menor que seja] contra ti—

Vai a teu irmão e primeiro reconcilia-te com teu irmão; e depois vem a mim com firme propósito de coração e eu te receberei." (3 Néfi 12:23–24)

O Senhor ordena que examinemos cuidadosamente nosso coração, se tivermos o desejo de nos aproximar Dele. Caso descubramos ser culpados de raiva ou desprezo por outra pessoa, por menor que seja e quer essa pessoa nos tenha acusado ou não, a reconciliação com ela, incluindo um pedido de desculpa e de perdão, preparará o caminho para que o Senhor nos receba. Se não procurarmos reconciliar-nos, estaremos demonstrando não ter "firme propósito de coração" e, portanto, não temos a promessa de que o Senhor nos receberá.

Não matar parece um mandamento fácil de se seguir, se o compararmos às exigências da nova lei do Salvador. Contudo, Ele prometeu ajudar-nos em nossa tentativa de desenvolver um caráter mais nobre.

"CONCILIA-TE DEPRESSA COM O TEU ADVERSÁRIO" (MATEUS 5:25–26; 3 NÉFI 12:25–26)

Freqüentemente a interpretação dessa frase é a de que devemos conciliar-nos com nossos adversários a fim de evitar brigas, processos judiciais ou perseguição. Sem dúvida devemos ser pacificadores, "tratáveis" (Tiago 3:17) e solícitos. Devemos até suportar ataques e injustiças do mundo para ajudar a levar avante a causa da retidão. (Ver I Pedro 2:12–23; 3:13–17; 4:12–19.) Mas sem dúvida não devemos deixar de lado os propósitos da verdade e da retidão a fim de convivermos pacificamente com nossos semelhantes.

Tampouco devemos permitir que Satanás, nosso maior adversário, se aproveite de nós. Seu propósito é bem evidente: Prender-nos (ver 3 Néfi 12:25) e tornar-nos tão miseráveis quanto ele é. (Ver 2 Néfi 2:27.) Será que devemos "conciliar-nos" rapidamente com *esse* adversário? Não estaríamos em suas mãos se assim o fizéssemos?

Um dos significados da palavra *conciliar* é estabelecer ou decidir algo. O que precisamos estabelecer nesse caso é simplesmente qual será nosso relacionamento com o adversário. Quanto mais rapidamente decidirmos isso, menos chance ele terá de nos influenciar com sua astúcia.

Tiago promete que se "[resistirmos] ao diabo, (. . .) ele fugirá de [nós]". (Tiago 4:7) O Livro de Mórmon assegura-nos de que a palavra de Deus "romperá ao meio todas as artimanhas e as armadilhas e os artifícios do diabo". (Helamã 3:29) O Senhor afirmou que se dermos ouvidos às palavras do profeta, Ele "afastará de [nós] os poderes das trevas". (D&C 21:6) O Senhor também disse que se buscarmos a inspiração do Espírito de Deus e formos obedientes a Seus sussurros, não seremos "seduzidos por espíritos malignos ou pelas doutrinas de demônios ou por mandamentos de homens". (D&C 46:7)

Resistir ao diabo, entesourar as escrituras, buscar e seguir os sussurros do Espírito e dar ouvidos ao profeta

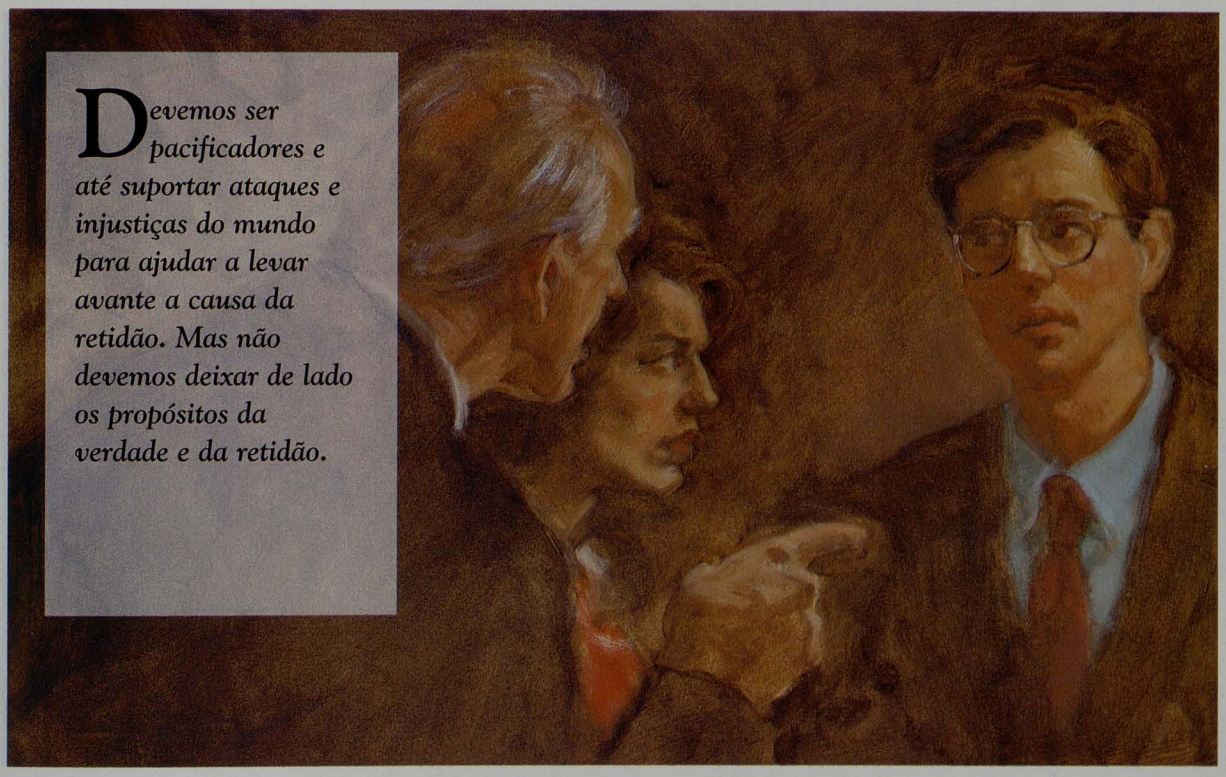
vivo são coisas importantes que podemos "estabelecer" rapidamente a fim de que estejamos devidamente preparados para "conciliar-nos" com nossos adversários, sejam eles demônios ou homens, desde o mais mortal ao aparentemente benigno.

ADULTÉRIO E OLHAR VOLUPTUOSO (MATEUS 5:27–30; 3 NÉFI 12:27–30)

O adultério sempre foi um pecado muito grave. Mas pela nova lei, o Senhor ensina um padrão mais elevado: a pureza de mente e coração. "Todo aquele que atentar numa mulher para a cobiçar, já em seu coração cometeu adultério". (3 Néfi 12:28) Aqueles que são culpados de adultério ou de cobiça precisam arrepender-se completamente para poderem desfrutar do Espírito do Senhor.

Qual é o verdadeiro significado de "cobiçar" alguém ou de cometer adultério "em seu coração"? A luxúria é definida como "desejo sexual exacerbado ou desenfreado".[1] Nas escrituras, o coração tem relação com o cerne ou a essência da pessoa: seu real intento e seus desejos não dissimulados. (Ver Provérbios 23:7.) Se uma pessoa realmente cometeria adultério com o objeto de seu desejo, se tivesse oportunidade, essa pessoa é adúltera.

Mas o que dizer de alguém que não chega realmente a cometer o adultério, mas se sente verdadeiramente tentado a fazê-lo? Num mundo saturado de estímulos imorais, essas tentações podem ocorrer diariamente. Embora não possamos fugir de todos os estímulos, podemos pedir ao Senhor que nos ajude a controlar e direcionar nossos pensamentos. Podemos conscientemente fugir de situações comprometedoras e resistir firme e prontamente à tentação. Em vez de permitir que os pensamentos impuros se prolonguem, estimulando-os ou saboreando-os, podemos afastá-los com uma oração ou um hino inspirador e deliberadamente direcionar nossos pensamentos para coisas positivas.



Devemos ser pacificadores e até suportar ataques e injustiças do mundo para ajudar a levar avante a causa da retidão. Mas não devemos deixar de lado os propósitos da verdade e da retidão.

ILUSTRADO POR KEITH LARSON

Se imaginarmos nosso envolvimento com coisas impróprias, nossos pensamentos podem influenciar as tendências de nosso coração e talvez até nosso comportamento futuro. O Dr. Maxwell Maltz salienta a relação existente entre nossos pensamentos e o sistema nervoso de nosso corpo: "Os psicólogos experimentais e clínicos provaram sem a menor sombra de dúvida que o sistema nervoso humano não é capaz de diferenciar uma experiência 'real' de uma experiência *vívida e detalhadamente imaginada*".[2]

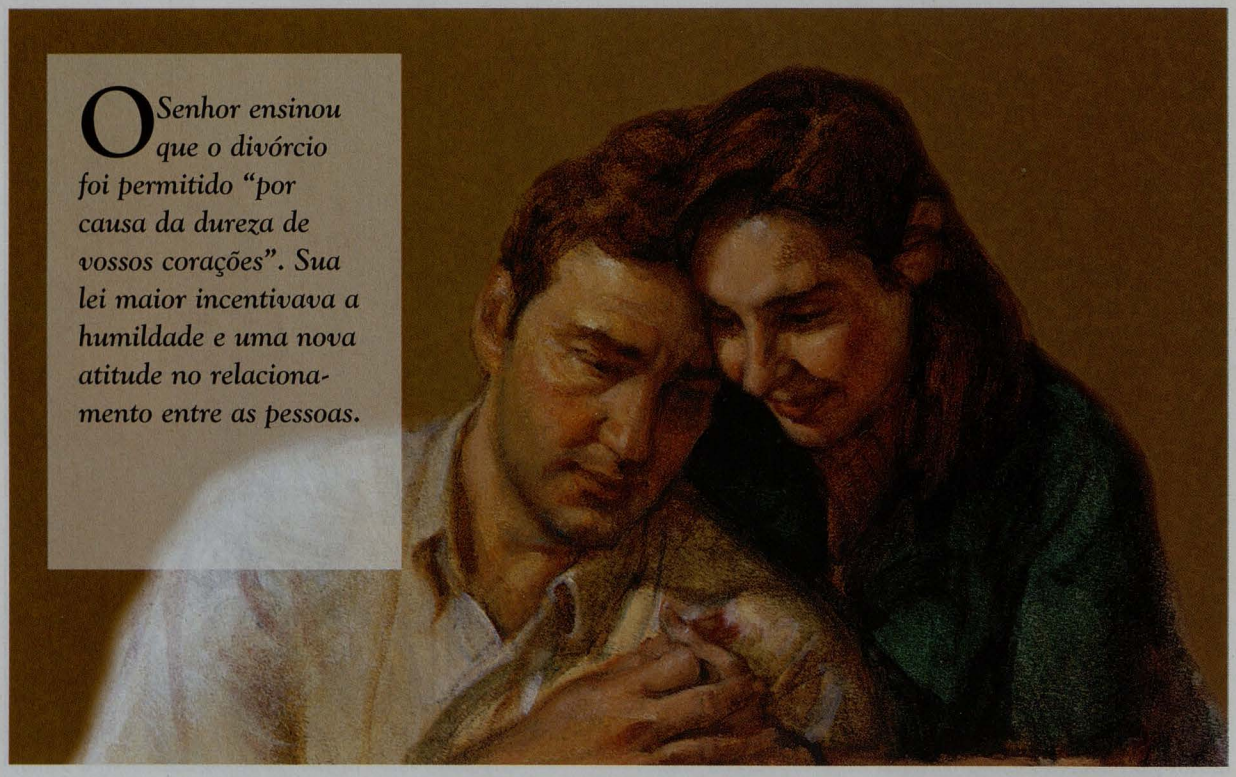
Se disciplinarmos nossos pensamentos e "não [deixarmos] que qualquer dessas coisas entre em [nosso] coração", estaremos "carregando (. . .) [nossa] cruz". (3 Néfi 12:29–30) Jesus disse que carregamos nossa cruz quando nos afastamos de toda a iniqüidade e desejos mundanos e guardamos Seus mandamentos. (Ver Tradução de Joseph Smith de Mateus 16:26.) Se assim o fizermos, podemos verdadeiramente nos tornar puros de coração.

DIVÓRCIO (MATEUS 5:31–32; 3 NÉFI 12:31–32)

Jesus disse: "Todo aquele que repudiar sua mulher, a não ser por causa de fornicação, faz com que ela cometa adultério; e o que se casar com a divorciada cometerá adultério". (3 Néfi 12:32)

Esse versículo faz surgir dúvidas a respeito da justiça. Por que a mulher que foi "repudiada" ou o homem que posteriormente se casar com ela devem ser considerados culpados de adultério, uma vez que ela pode ter sido uma vítima inocente da iniqüidade do marido? E como esse mandamento deve ser interpretado atualmente? Por que é permitido que os membros da Igreja se divorciem, mesmo por outras razões que não sejam o pecado sexual, e se casem novamente, até mesmo no templo, sem que sejam acusados de adultério?

Essas perguntas não são fáceis de ser respondidas. Não temos registro de que o Salvador tenha explicado ou restringido esse mandamento para os nefitas. Temos,



O Senhor ensinou que o divórcio foi permitido "por causa da dureza de vossos corações". Sua lei maior incentivava a humildade e uma nova atitude no relacionamento entre as pessoas.

porém, as informações contidas no relato da Bíblia e nos comentários dos profetas modernos, que podem ajudar-nos.

A respeito da justiça, o relato de Marcos é bastante útil. Ele relata que depois de abordar publicamente a questão do divórcio perante os fariseus, Jesus e Seus discípulos entraram em casa, onde "tornaram os discípulos a interrogá-lo acerca disto mesmo". O Salvador então disse:

"Qualquer que deixar a sua mulher e casar com outra, adultera contra ela.

E, se a mulher deixar a seu marido, e casar com outro, adultera". (Marcos 10:10–12)

Observem que, dessa vez, a acusação de adultério é feita contra o marido ou a mulher que deixar o outro e não contra a pessoa que foi repudiada. Isso faz com que nos perguntemos que outras explicações o Salvador deve ter feito "em casa", para Seus discípulos que sinceramente desejavam conhecer a verdade.

A resposta do Salvador aos fariseus também é instrutiva. Eles questionaram o ensinamento de Jesus a respeito do divórcio porque diferia do que era permitido pela lei de Moisés. "Disse-lhes ele: Moisés, por causa da dureza dos vossos corações, vos permitiu repudiar vossas mulheres; mas ao princípio não foi assim". (Mateus 19:8) Não foi motivo de orgulho para os israelitas da época de Moisés o fato de ter-lhes sido permitido viver um padrão inferior ao que Deus desejava que vivessem "ao princípio". Foi-lhes permitido viver um padrão inferior "por causa da dureza de [seus] corações".

Será que isso significa que Deus adapta os padrões de acordo com o desejo que Seus filhos têm de obedecer? O Élder Ezra Taft Benson discorreu a respeito desse princípio:

"Deus precisa trabalhar por intermédio de mortais que se encontram em diversos graus de progresso espiritual. Às vezes, Ele atende aos pedidos insensatos dos homens a fim de que aprendam por tristes experiências pessoais. Algumas pessoas dão a isso o nome de 'princípio de Samuel'. Os filhos de Israel queriam um rei, como todas as nações. (. . .) O Senhor disse a Samuel que alertasse o povo a respeito das conseqüências de terem um rei. Samuel alertou o povo, mas eles continuaram insistindo em pedir um rei. Por isso, Deus concedeu-lhes um rei e permitiu que sofressem. (. . .) A vontade de Deus era outra, mas dentro de certos limites Ele atende aos desejos dos homens. As experiências ruins são uma escola muito cara que apenas os tolos insistem em freqüentar. (Ver I Samuel 8.)

Muitas vezes, em nossa tentativa de imitar o mundo, contrariamos os conselhos do profeta e seguimos os conceitos falsos do mundo em relação à educação, política, música e vestimenta. São adotados os padrões mundanos modernos, há um gradativo desgaste e, por fim, depois de muito sofrimento, um povo humilde está pronto para que novamente lhe seja ensinada a lei maior.

Ao longo de todo esse gradual rebaixamento de padrões, os justos devem viver os mais elevados padrões pessoais que lhes for possível seguir, sem procurar impor esses padrões a outras pessoas, mas preparando-se para um dia melhor que sem dúvida virá."[3]

O Élder Bruce R. Mcconkie aplicou esse princípio à questão do divórcio: "O divórcio não faz parte do plano do evangelho. (. . .) No entanto, como as ações dos homens nem sempre estão em harmonia com os padrões do evangelho, o Senhor permite o divórcio por este ou aquele motivo, dependendo da estabilidade espiritual das pessoas envolvidas. (. . .) Sob condições mais perfeitas, o divórcio não seria permitido, exceto quando houvesse pecado sexual. Atualmente, o divórcio é permitido pelas leis civis, e as pessoas divorciadas têm a permissão da Igreja para casar novamente, sem carregar o estigma da imoralidade que em um sistema mais elevado acompanharia esse passo".[4]

Quando não estamos preparados para viver uma lei maior, o Senhor, em certas ocasiões, nos concede uma lei menor ou "aio". (Ver Gálatas 3:24.) Mas mesmo a estrita obediência a essa lei preparatória não é a meta final, tampouco essa lei é suficiente para nossa exaltação. (Ver Mosias 3:13–17; 12:31–33; 13:28–35.) A lei menor é apenas uma medida temporária, um padrão mínimo, para ajudar a preparar-nos para viver a plenitude da lei de Cristo. Todos os que forem exaltados precisam, por meio

do arrependimento e da obediência, tornarem-se o tipo de pessoa que deseja viver "a lei de um reino celestial" e obedece a ela. (D&C 88:22)

Muitas outras perguntas sinceras poderiam ser feitas a respeito do divórcio, referentes a situações particulares. Embora as escrituras não respondam a todas essas perguntas, não somos deixados sem orientação. Joseph Smith ensinou que as "revelações que se adaptem às circunstâncias em que se encontram os filhos do reino" é o "princípio pelo qual funciona o governo dos céus".[5] Essas revelações são dadas por intermédio dos servos autorizados do Senhor, que são guiados a estabelecer normas e procedimentos condizentes com as necessidades atuais dos membros da Igreja. Se seguirmos os profetas, o Senhor irá guiar-nos para "as riquezas da eternidade". (D&C 78:18)

JURAMENTOS (MATEUS 5:33–37; 3 NÉFI 12:33–37)

Na época de Moisés, era esperado que ninguém "perjurasse". Ou seja, a pessoa não podia renunciar a um juramento ou deixar de cumpri-lo, mas devia cumprir todo juramento como se ele tivesse sido feito para o Senhor. Nesse sistema, algumas pessoas faziam e cumpriam juramentos precipitados e insensatos.

O Senhor ensinou algo melhor, de modo que a pessoa não precisasse de juramentos ou promessas para garantir sua palavra. Em vez de jurar, devemos sinceramente afirmar algo ou expressar nossa aprovação ou desaprovação em termos simples: com um *sim* para dizer sim; e *não* para dizer não. O Élder James E. Talmage compreendeu o espírito do mandamento do Senhor: "Moderação no falar, firmeza e simplicidade foram recomendadas, e excluídas as imprecações, blasfêmias e juramentos".[6]

É tolice jurar usando o céu, a Terra ou mesmo nossa própria cabeça como garantia "pois não [podemos] tornar um cabelo branco ou preto". (3 Néfi 12:36) Não temos controle sobre essas coisas; Deus tem. Todos os juramentos, portanto, dependem de Deus para garantir seu cumprimento, e não podemos obrigá-Lo a fazê-lo por meio de nossas afirmações não inspiradas.

REAGIR A OFENSAS (MATEUS 5:38–42; 3 NÉFI 12:38–42)

O Senhor revogou a lei da retaliação que tinha dado séculos antes aos israelitas espiritualmente imaturos. (Ver Êxodo 21:23–25.) Em vez de cobrar "olho por olho, dente por dente" (versículo 24), devemos voltar a outra face, dar mais do que é exigido por lei, andar a segunda milha voluntariamente, sem ser compelidos a isso e emprestar ao que nos pede.

Será que isso significa submeter-nos completamente a toda e qualquer exigência? Quão literalmente e até que ponto devemos colocar em prática esse ensinamento em nossos dias? Se alguém tentar ferir-nos fisicamente, ou mesmo matar-nos, será que não devemos resistir em autodefesa? Doutrina e Convênios declara: "Todos os homens são justificados por se defenderem (. . .) de ataques ilegais e de violações de direitos cometidos por qualquer pessoa, quando não se puder apelar de imediato às leis nem se puder obter auxílio". (D&C 134:11)

Podemos fazer perguntas semelhantes e citar escrituras para cada um dos exemplos usados pelo Salvador como aplicação prática dessas novas exigências. De que modo, portanto, podemos saber o que fazer em situações assim? As respostas estão ao alcance de todos os que se achegam a Cristo (Morôni 10:32) e "[entram] pelo caminho", porque "[recebem] o Espírito Santo", que "mostrará todas as coisas que [devem] fazer". (2 Néfi 32:5) Essa generosa promessa está ao alcance de todos os que "[seguem] o Filho com todo o coração, agindo sem hipocrisia e sem dolo diante de Deus, mas com verdadeira intenção". (2 Néfi 31:13)

AMAR NOSSOS INIMIGOS (MATEUS 5:43–47; 3 NÉFI 43–45)

A declaração "Eis que também foi escrito que amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo" (3 Néfi 12:43) evidentemente não é uma citação da Bíblia ou do Livro de Mórmon. O Salvador talvez estivesse referindo-Se a outros escritos, tais como os Pergaminhos do Mar Morto, nos quais seus seguidores são ensinados a "amar todos os filhos da luz" e "odiar todos os filhos das trevas".[7]

Seja qual for a origem desse conceito, o Salvador

ensinou que devemos amar nossos inimigos, "para que [sejamos] filhos de [nosso] Pai que está nos céus". (3 Néfi 12:45) Mas já não somos todos filhos de nosso Pai Celestial?

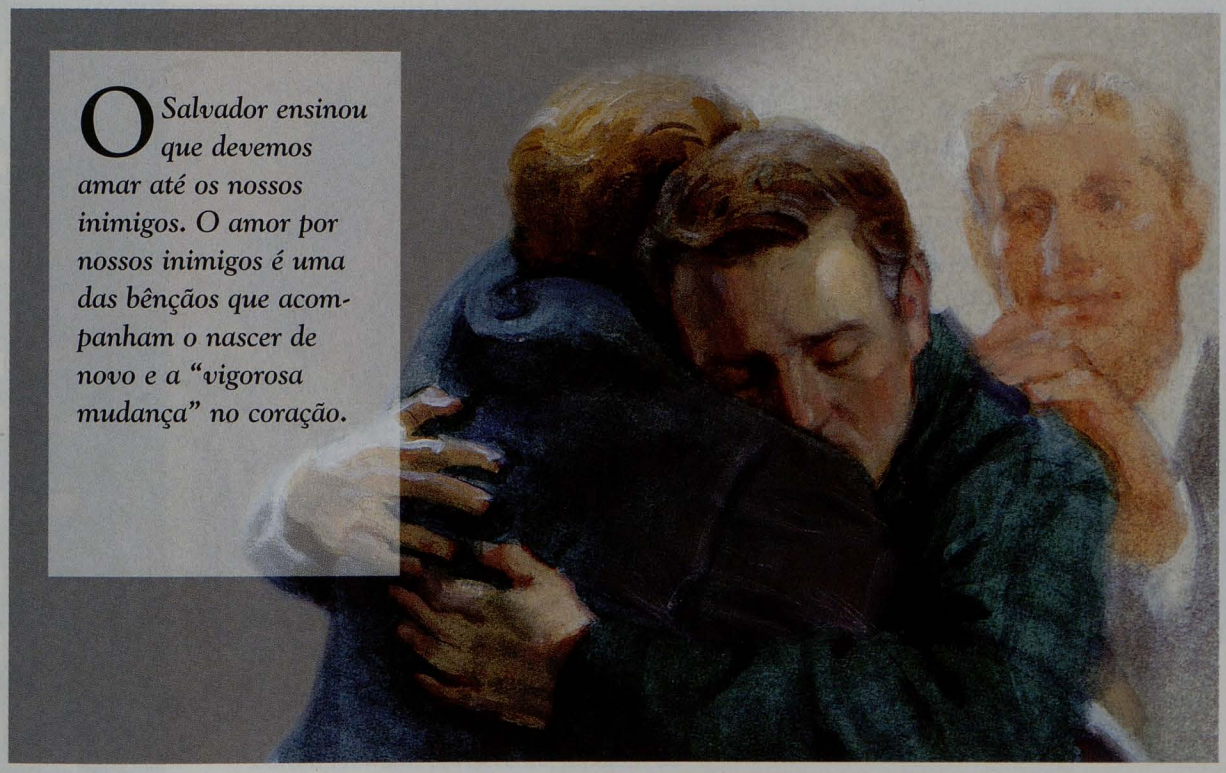
Embora Deus seja o Pai de nosso espírito, outro aspecto de nossa condição de filhos Seus está sendo abordado nessa declaração: Tornar-nos "filhos e filhas gerados para Deus" (D&C 76:24) por meio da Expiação de Cristo. Quando nascemos novamente por meio do poder da Expiação, tornamo-nos filhos da família exaltada de Deus e co-herdeiros com Cristo de tudo o que o Pai possui. (Ver Romanos 8:17; D&C 76:50–70; 84:36–38; 132:19–24.)

Para desfrutar essas bênçãos, precisamos ter caridade, que "é o puro amor de Cristo". (Morôni 7:47) Como podemos adquirir esse amor? É um dom, concedido pelo Espírito de Deus "a todos os que são verdadeiros seguidores de seu Filho, Jesus Cristo". (Morôni 7:48) Ser verdadeiros seguidores de Cristo inclui "[bendizer] os que [nos] maldizem, [fazer] bem aos que [nos] odeiam e [orar] pelos que [nos] maltratam e perseguem". (3 Néfi 12:44)

Nosso sincero esforço em fazer essas coisas é algo que nos prepara para "nascer de novo; sim, nascer de Deus, [sendo] mudados de [nosso] estado carnal e decaído para um estado de retidão, sendo redimidos por Deus, [tornando-nos] seus filhos e filhas". (Mosias 27:25) O amor por nossos inimigos é uma das bênçãos que acompanham essa "vigorosa mudança" no coração. (Ver Mosias 5:2.)

O CONVITE DO SALVADOR (MATEUS 5:48; 3 NÉFI 12:48)

Para concluir essa parte de Seu sermão, Jesus reiterou que a antiga lei tinha sido cumprida em Sua vinda e que havia então sido instituída uma nova ordem das coisas, uma lei maior, para guiar nosso relacionamento uns com os outros.



O Salvador ensinou que devemos amar até os nossos inimigos. O amor por nossos inimigos é uma das bênçãos que acompanham o nascer de novo e a "vigorosa mudança" no coração.

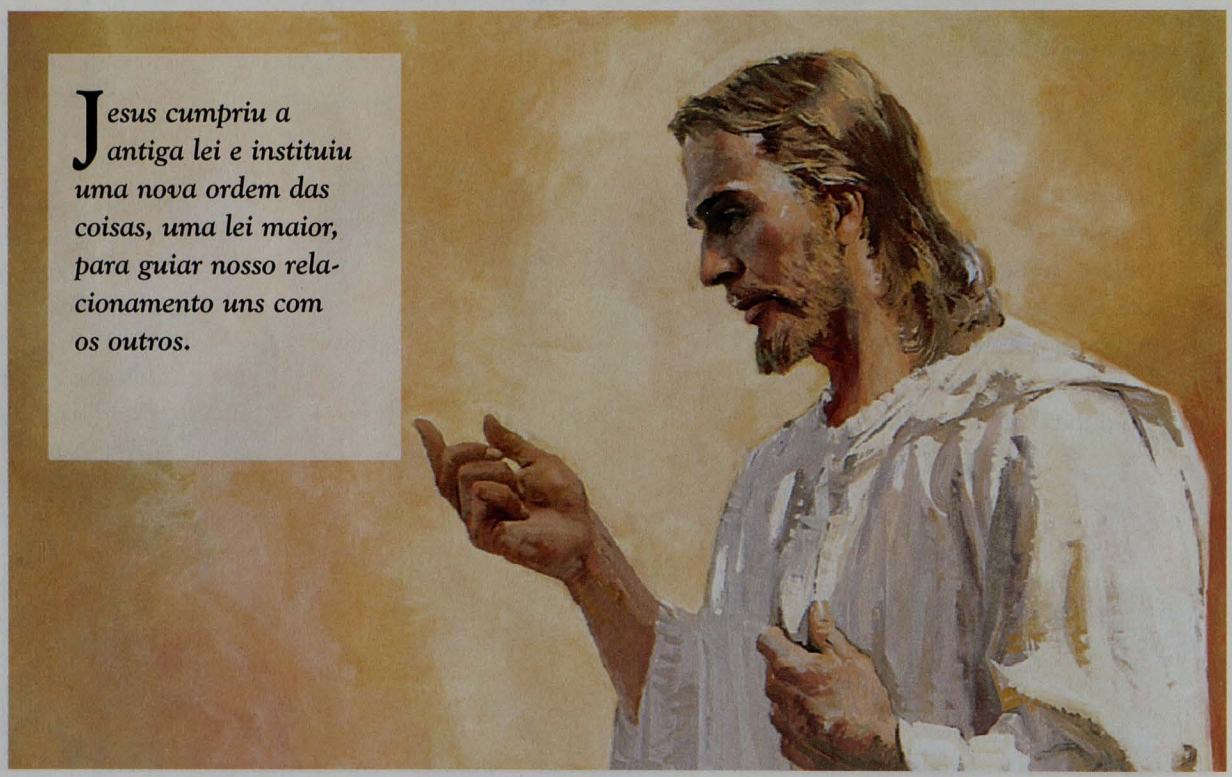
Em seguida, segue-se o convite para que nos tornemos perfeitos, tal como Jesus e o Pai são perfeitos. Há duas vigorosas diferenças entre Mateus 5:48 e 3 Néfi 12:48. A primeira é que o relato de Mateus cita apenas o Pai como sendo perfeito, enquanto que 3 Néfi inclui o Salvador. Isso talvez porque durante Sua vida mortal, quando o relato de Mateus foi escrito, Cristo ainda não tinha ressuscitado e não tinha sido aperfeiçoado na glória celestial.

A segunda é que no relato de Mateus, o versículo é um mandamento de que nos tornemos perfeitos. Mas em 3 Néfi, trata-se de uma expressão do desejo do Senhor de que isso aconteça: "Quisera que fôsseis perfeitos". (Versículo 48)

É um pensamento bastante motivador saber que é possível tornar-nos perfeitos por meio de Cristo e que o Salvador nos incentiva a fazê-lo. Algo também muito motivador e reconfortante, à medida que atendemos ao convite do Salvador para que vivamos uma lei maior, é a admoestação do rei Benjamim: "E vede que todas estas coisas sejam feitas com sabedoria e ordem; porque não se exige que o homem corra mais rapidamente do que suas forças o permitam. E, novamente, é necessário que ele seja diligente, para que assim possa ganhar o galardão; portanto todas as coisas devem ser feitas em ordem". (Mosias 4:27) □

NOTAS

1. *Merriam-Webster Dictionary* (1974), s.v. "lust" (luxúria, concupiscência).
2. *Psycho-Cybernetics: A New Way to Get More Living Out of Life* (1960), p. xi.
3. *Speeches of the Year*, 1974 (1975), pp. 304–305.
4. *Doctrinal New Testament Commentary*, 3 volumes (1966–1973), 1:547.
5. *Ensinamentos do Profeta Joseph Smith*, selecionados por Joseph Fielding Smith, p. 249.
6. *Jesus, o Cristo*, p. 228.
7. G. Vermes, *The Dead Sea Scrolls in English*, 3ª edição (1987), p. 62.



DETALHE DE *JESUS CRISTO*, DE HARRY ANDERSON

GRATIDÃO

O Presidente Gordon B. Hinckley ensinou: "A gratidão é a própria essência da adoração. (. . .) Quando a pessoa é grata, não se porta com arrogância, presunção, nem egoísmo. Ela tem um espírito de gratidão que lhe é típico. Esse espírito abençoará a vida de cada um". [*Teachings of Gordon B. Hinckley* (Ensinamentos de Gordon B. Hinckley), 1997, p. 250.]

Quando agradecemos, isso nos ajuda a reconhecer nossas bênçãos, a abrir as portas do céu e a sentir o amor de Deus.

MILAGRES DERIVADOS DA GRATIDÃO

Durante três dias, mais de 4.000 pessoas estiveram no deserto com o Salvador, sem comer, e Jesus não queria que fossem embora famintos. No entanto, até Seus discípulos perguntaram: "De onde nos viriam, num deserto, tantos pães, para saciar tal multidão?" (Mateus 15:33) Como muitos de nós, os discípulos só viram o que estava faltando. Jesus, porém, deu graças pelo que tinham (ver vers. 36) e aconteceu um milagre: "E todos comeram e se saciaram; e levantaram, do que sobejou, sete cestos cheios de pedaços". (Vers. 37)

Todos nós passamos por situações em que nos concentramos naquilo que não temos. Talvez nosso tempo, nossos bens, ou até nosso amor não sejam tão grandes ou suficientes como gostaríamos. Nessas ocasiões, faríamos bem em adotar a atitude sugerida pelo Presidente Brigham Young, refletindo sobre nossas dificuldades com um coração agradecido: "Não há sequer uma condição de vida [ou] uma hora de experiência que não seja benéfica para todos aqueles que a utilizam para estudar e têm por objetivo progredir por meio da experiência que adquirem". [*Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Brigham Young* (1997), p. 179.]

Podem acontecer milagres em nossa vida se olharmos para Deus com um coração agradecido. Compreenderemos melhor as coisas e teremos mais força para perseverar.

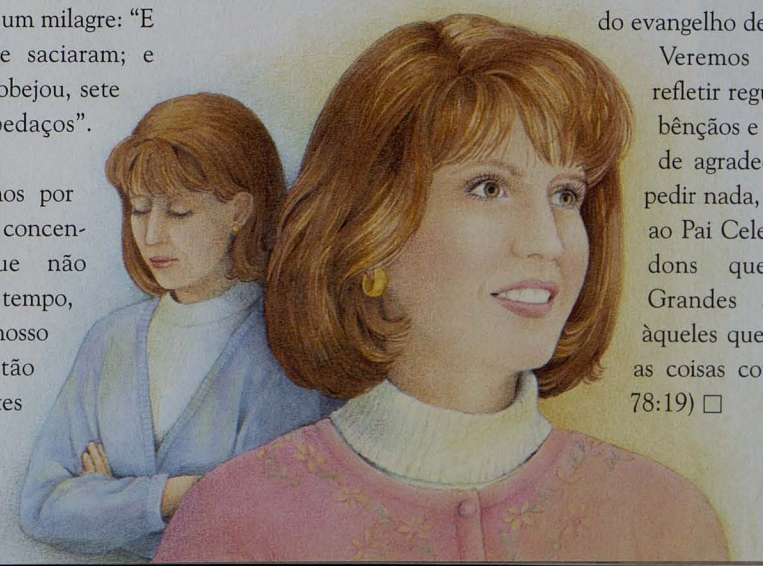
Uma irmã tentou superar sentimentos negativos após um divórcio. Para ela, tornou-se difícil não pensar nas coisas que não possuía mais. Seu casamento terminara, bem como tantos sonhos e esperanças. Na Igreja, sentava-se ao lado de alguma família e ficava pensando no que havia de errado consigo mesma. Durante essa época difícil, lembrou-se do conselho de sua bênção patriarcal: "Irmã, seja grata por todas as bênçãos". Ela tentou sinceramente ser grata por tudo.

Todos os dias, quando agradecia a Deus por todas as bênçãos que Lhe concedera, sua alma aproximava-se mais da cura. Essa irmã conseguiu superar a amargura e o desespero e sentiu o amor de Deus ser derramado sobre ela. "A gratidão trouxe-me bondade e mansidão."

GRATIDÃO POR TODAS AS COISAS

O Senhor disse que ofendemos a Deus quando não confessamos "sua mão em todas as coisas". (D&C 59:21) "O conceito de todas as coisas" inclui bênçãos grandes e pequenas — bênçãos de vida e saúde, bênçãos relativas à família e aos amigos , assim como graças raramente percebidas, mas que nos são dadas gratuitamente. Certamente algumas das nossas maiores bênçãos estão associadas com a Restauração do evangelho de Jesus Cristo.

Veremos que é edificante refletir regularmente em nossas bênçãos e oferecer uma oração de agradecimento; talvez sem pedir nada, apenas agradecendo ao Pai Celestial pelos inúmeros dons que nos concedeu. Grandes são as promessas àqueles que "[receberem] todas as coisas com gratidão". (D&C 78:19) □



ILUSTRADO POR BETH WHITTAKER

CHAMADOS

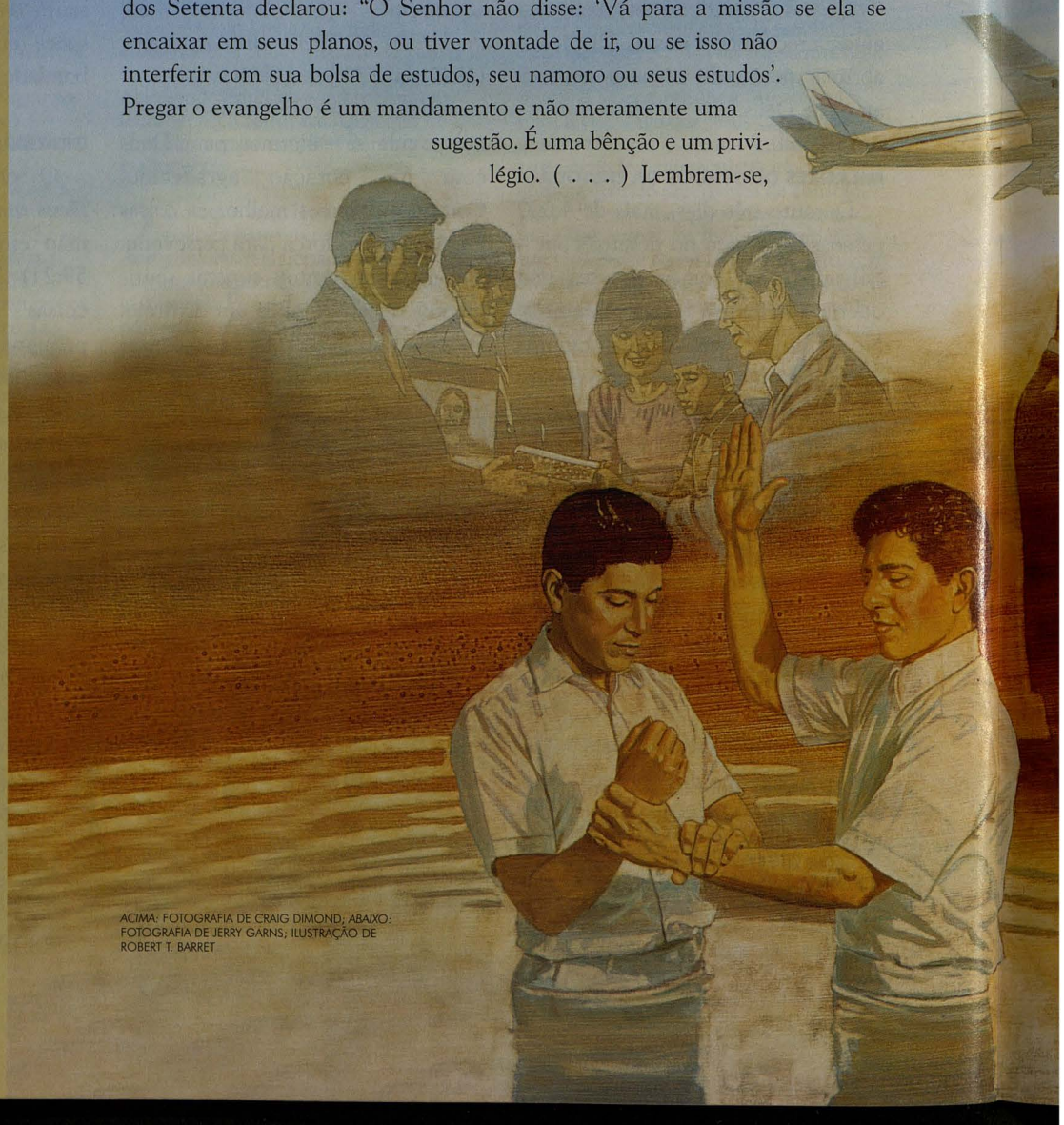


"O Senhor não disse: 'Vá para a missão se ela se encaixar em seus planos, ou tiver vontade de ir, ou se isso não interferir com sua bolsa de estudos, seu namoro ou seus estudos'. Pregar o evangelho é um mandamento e não meramente uma sugestão. É uma bênção e um privilégio. (. . .) Lembrem-se, (. . .) o Senhor e Seus profetas contam com vocês."



"Vocês têm uma missão a cumprir", disse o Presidente Gordon B. Hinckley aos jovens da Igreja. "Todos vocês devem planejar servir como missionários. Talvez tenham algumas dúvidas, talvez alguns temores. Enfrentem suas dúvidas e temores com fé. Preparem-se para servir. Vocês não têm apenas a oportunidade: têm a responsabilidade. O Senhor os abençoou e favoreceu de modo notável e extraordinário. É pedir muito que dediquem integralmente dois anos a Seu serviço? ("Algumas Considerações a Respeito de Templos, Retenção de Conversos e Serviço Missionário", *A Liahona*, janeiro de 1998, p. 64)

Dirigindo-se aos rapazes, o Élder Joe J. Christensen da Presidência dos Setenta declarou: "O Senhor não disse: 'Vá para a missão se ela se encaixar em seus planos, ou tiver vontade de ir, ou se isso não interferir com sua bolsa de estudos, seu namoro ou seus estudos'. Pregar o evangelho é um mandamento e não meramente uma sugestão. É uma bênção e um privilégio. (. . .) Lembrem-se,



ACIMA: FOTOGRAFIA DE CRAIG DIMOND; *ABAIXO:* FOTOGRAFIA DE JERRY GARNS; ILUSTRAÇÃO DE ROBERT T. BARRET

OS A SERVIR

(. . .) o Senhor e Seus profetas contam com vocês". ("O Salvador Conta com Você", *A Liahona*, janeiro de 1997, p. 44)

Nas páginas a seguir, alguns leitores prestam testemunho, relatam experiências sobre o trabalho missionário e expressam sua gratidão pelo privilégio de servir.



MINHA PLAQUETA

Augusto Sánchez

Desde minha conversão aos 14 anos de idade, senti o desejo de servir como missionário. Ficava observando os missionários trabalhando; via que eles tinham uma boa apresentação e eram espirituais e que levavam plaquetas com o nome deles e o da Igreja. Cada missionário era especial, mas todos se vestiam de modo uniforme e usavam aquela mesma plaqueta preta.

Aos 21 anos de idade, fui chamado para servir como missionário em meu próprio país, na Missão Peru Trujillo. Lembro-me vividamente da noite em que todos os missionários se levantaram um por um para receber a plaqueta de nosso presidente do centro de treinamento missionário. Senti o Espírito e o coração bater mais forte de alegria.

"Élder Augusto Sánchez!" Ouvi meu nome e, com um salto, levanteime para receber a plaqueta que nos dois anos seguintes me identificaria como servo do Senhor de tempo integral. Chorei quando o presidente pôs a plaqueta em meu bolso esquerdo e selou aquele momento com um tapa caloroso nas costas. Tive a impressão de precisar pôr mais força para manter erguido o ombro esquerdo, pois a plaqueta era verdadeiramente pesada: representava uma enorme responsabilidade.

Agora estou no campo missionário e é um grande privilégio engrossar as fileiras dos que foram chamados por Deus e que estão tentando fazer a vontade Dele e não a sua.

Sei que se permanecer digno, o Senhor inscreverá Seu nome em meu semblante e coração, assim como o fez em minha plaqueta.



OBEDIÊNCIA E CARIDADE

Choi Chung Lap

Numa terça-feira, durante minha missão em Hong Kong, fui chamado como líder de distrito e enviado para uma nova área. Logo descobri que não tínhamos nenhum pesquisador lá. Mas eu estava disposto a começar a bater em portas o tempo que fosse necessário para encontrar pessoas para ensinar.

No dia seguinte, quando meu companheiro, eu e outros dois élderes estávamos prestes a jantar, o telefone tocou. Um assistente do presidente da missão estava telefonando para transmitir um desafio feito pelo presidente: ele queria que levássemos alguns pesquisadores para a Igreja naquele domingo. E faltavam apenas dois dias para o domingo!

Pus o telefone no gancho, falei do desejo de nosso presidente aos outros élderes e sugeri que começássemos a jejuar. Recebi o apoio dos três. Guardamos o jantar na geladeira e fizemos uma oração, relatando ao Pai Celestial o propósito de nosso jejum e pedindo Seu auxílio divino.

Então, saímos de nosso apartamento e começamos a bater em portas. Não tivemos muito êxito naquela noite, mas no sábado, trabalhamos ainda com mais afinco e confiamos mais no Pai Celestial. Tivemos certo sucesso, mas não tínhamos certeza de que teríamos pesquisadores na Igreja no dia seguinte. Mas eu sabia que fizéramos nossa parte.

No domingo, quando todos chegaram à capela, vimos sete

pesquisadores. E desses sete, seis foram batizados dentro de um mês.

Esse milagre exigiu obediência e um trabalho diligente. Aprendi que, como as escrituras dizem, "quando recebemos uma bênção de Deus, é por obediência à lei na qual ela se baseia". (D&C 130:21)

Também aprendi na missão, no tórrido verão de 1981, a importância da caridade. Jesus Cristo ensinou: "Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros; como eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis. Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros". (João 13:34–35)

A área em que servia naquele verão incluía uma parte da cidade dominada por prédios de apartamentos com seguranças. Era muito difícil conseguir a autorização deles para bater em portas nesses condomínios. Sempre tentávamos, mas geralmente fracassávamos.

Certa tarde, meu companheiro e eu sentimos que devíamos ir àquele bairro. Durante a viagem de ônibus, vimos uma senhora idosa empurrando um carrinho de madeira. Ela parecia sobrecarregada, de modo que decidimos descer do ônibus para ajudá-la. Contudo, o motorista recusou-se a parar porque o trecho em que estávamos era muito íngreme. Quando finalmente saímos do ônibus, meu companheiro e eu corremos diretamente para aquela ladeira. O fardo era pesado demais para aquela senhora, e levamos quinze minutos para chegar ao topo da rua.

Alguns seguranças viram o que estávamos fazendo e naquele dia, quando fomos a seus prédios, simplesmente nos deixaram entrar. Naquela tarde, tivemos bastante sucesso: encontramos três novos pesquisadores e um deles foi batizado algum tempo depois.

A vida do Senhor Jesus Cristo foi um exemplo de obediência e caridade. Sou grato por ter o evangelho de Jesus Cristo e Seu exemplo perfeito para seguir.

SEJA FIEL E GUARDE OS MANDAMENTOS

Juan Carlos Porcel

Depois que tive o privilégio de conversar com o Élder Richard G. Scott, do Quórum dos Doze Apóstolos, passei a ter um desejo ainda mais forte de representar o Senhor como missionário de tempo integral. Naquela ocasião, ele pôs as



mãos em meu ombro e disse: "Seja fiel ao Senhor e guarde Seus mandamentos, e Ele o inspirará!" Esse conselho trouxe-me grande paz. Saí de casa em Mercedes, Argentina, em 24 de março de 1996 rumo à Missão Argentina Resistência.

Certo dia, meu companheiro e eu caminhamos bastante. Todos os compromissos que havíamos marcado não se realizaram e a área em que estávamos não vira um único batismo em nove meses. Mas não estávamos desanimados; pelo contrário, queríamos fazer frente ao grande desafio diante de nós!

Ao caminharmos, ambos nos sentimos inspirados a visitar uma senhora que conhecêramos alguns dias antes. Quando nos aproximamos de sua casa, fomos induzidos a visitar sua vizinha. Ela ouviu-nos com muita atenção e sentimos o Espírito ao falar-lhe de Deus e Jesus Cristo e do papel de Joseph Smith.

Pouco depois, dei-lhe um exemplar do Livro de Mórmon. Quando o fiz, ela disse: "Meu pai foi assassinado há um mês. Ele era membro de sua Igreja. Embora não freqüentasse com muita regularidade, ele amava o evangelho". Em seguida, como se fosse algo sem muita importância, ela acrescentou: "Ele apareceu-me em sonho e disse-me que alguém me daria um livro. Suplicou que eu não o rejeitasse de forma alguma, pois nele eu encontraria o caminho certo!" Então, prosseguiu: "Agora sei que vocês são as pessoas que estavam em meu sonho". Fiquei pasmo, mas senti-me muito motivado ao saber que o trabalho missionário é realizado em ambos os lados do véu.

Enquanto estava na missão, lembrava-me constantemente do doce olhar do Élder Richard G. Scott ao dizer-me: "Seja fiel ao Senhor e guarde Seus mandamentos, e Ele o inspirará". É exatamente isso o que acontece.

"A ADVERSIDADE PODE TORNÁ-LO FORTE"

Marco Antonio Panés Spano

Certo dia, quando estava lendo a *Liahona* (em espanhol), deparei-me com uma frase que ficou gravada em minha mente e coração: "A adversidade pode torná-lo forte". (Setembro de 1993, p. 33) Fiquei pensando em como a adversidade é parte essencial do plano de nosso Pai Celestial, mas nem imaginava que futuramente encontraria nesta frase a força para seguir em frente e encarar as dificuldades da vida.

A cidade onde meu companheiro e eu estávamos trabalhando, na Missão Argentina Buenos Aires Norte, estava cheia de pessoas de outras religiões que viam dois rapazes de camisa branca e gravata com grande desconfiança. Já havíamos batido em muitas portas, mas os resultados não eram muito animadores.

Os dias de verão em Buenos Aires são muito quentes (com uma temperatura média de 30 graus Celsius),



úmidos e venta muito pouco. Nosso meio de transporte era a bicicleta. Certo dia, tudo já nos parecia bastante difícil — fazia muito calor e nosso corpo cansado estava prestes a desfalecer — mas para piorar a situação, começou a chover. Decidimos deixar as bicicletas de lado e caminhar. A lama grudava em nossos sapatos e andar exigia a destreza de um acrobata.

Por causa dessa adversidade, tivemos vontade de voltar para casa. Então, lembrei-me da frase da *Liahona* e disse a meu companheiro: "Vamos continuar, élder. Todas essas adversidades vão tornar-nos fortes". Fizemos uma oração e ambos sentimos que devíamos visitar uma referência antiga que nunca conseguíramos contatar.

Chegamos à casa da mulher e novamente ela não estava. Contudo, havia outra pessoa, Anita. Ela conversou conosco e pareceu-nos bastante simpática; assim, deixamos um Livro de Mórmon com ela. Ela prometeu lê-lo. Sentimos grande alegria no coração, pois o Espírito realmente nos conduzira a ela.

Voltamos no dia seguinte e Anita aceitou todos os princípios que lhe ensinamos. Mas quando chegou o momento de dar a quarta palestra, ela disse-nos que não queria batizar-se e que seria melhor que saíssemos de sua casa. Meu companheiro e eu ficamos muito decepcionados, mas sabíamos que teríamos de enfrentar oposição. Assim, convidamos Anita a orar e perguntar ao Senhor se devia ser batizada. Tínhamos confiança de que receberia uma resposta.

Voltamos no dia seguinte e Anita realmente recebera a resposta de forma inegável. Seu coração estava cheio de paz. Dez dias depois, foi batizada. Ela terminou de ler o Livro de Mórmon e encontrou nele uma fonte inesgotável de conhecimento e inspiração.

Depois de um ano como membro ativo da Igreja, Anita fez os convênios do templo sagrado e tornou-se uma fonte de referências para os missionários e um grande exemplo para as pessoas de sua comunidade, que começaram a mudar sua opinião a respeito da Igreja.

Hoje, dou grande importância a toda a oposição que meu companheiro e eu enfrentamos, pois foi assim que encontramos força para servir ao Senhor da melhor forma possível. Mesmo hoje, depois de voltar para casa no Chile, não desanimo ante os problemas que surgem na vida, pois sei que a adversidade me fortalecerá.

QUANTAS MAÇÃS A PARTIR DE UMA SEMENTE?

Julio Cesar Sonoda

Quando fecho os olhos, ainda consigo ver aqueles dois rapazes trabalhando sob o sol escaldante do verão do Brasil. Aproximei-me deles e perguntei: "Vocês são mórmons?" Eu nunca havia visto uma dupla de missionários antes, mas como meu tio era membro da Igreja havia algum tempo, supus que aqueles dois jovens suados fossem da Igreja de que ele sempre falava.

Estávamos em 1970 e eu tinha apenas 13 anos de idade. O sorriso dos élderes em resposta a essa pergunta simples foi o mais radiante que eu já vira. Logo marcamos um horário para a primeira palestra. Minhas três irmãs e eu recebemos todas as palestras e dentro de pouco tempo fomos batizados.

Nunca vou me esquecer do cuidado com que aqueles missionários ensinaram e integraram quatro jovens. Eles vinham buscar-nos quando faltávamos às reuniões da Igreja e visitavam-nos com freqüência. Qual o motivo de tanta preocupação conosco? Valeria mesmo a pena despender tanto esforço com esses jovens?

Quando fui chamado para servir como missionário de tempo integral, pensei no élder Clark e no élder Bushman. Esses élderes haviam plantado sementes e elas haviam germinado e crescido. Agora estávamos prontos para plantar sementes para outras pessoas.

Sandra, uma amiga que se batizara naquela mesma época, e eu servimos como missionários, e uma de suas irmãs também. Cinco dos jovens que ensinei e batizei na missão também serviram como missionários. Meu filho voltou há pouco da Missão Brasil Campinas. Tudo isso aconteceu porque aqueles dois jovens missionários se importaram comigo e minha atividade na Igreja.

Muitos anos atrás, na dedicação do templo de São Paulo, Sandra deu-me o endereço do élder Bushman. Escrevi para ele: "Podemos contar quantas sementes há em uma maçã, mas é impossível saber quantas maçãs surgirão a partir de cada semente". □

I L H A





S DE LUZ

R. Val Johnson
FOTOGRAFIA DO AUTOR

Os habitantes da Nova Caledônia têm vários nomes para seu lar no Pacífico Sul. Os nativos conhecem-na como *Kanaky* (lar para os humanos). Quando colonizaram a maior ilha da Nova Caledônia no século 19, os franceses chamaram-na de *Grande Terre* (grande terra). Hoje, seus moradores às vezes se referem à Grande Terre como *Le Caillou* (a rocha) ou *Île de Lumière* (ilha de luz). Os nomes são todos adequados, principalmente para os membros de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias que estão crescendo à luz do evangelho restaurado e edificando a vida sobre a rocha de Jesus Cristo.

A Nova Caledônia faz parte da Melanésia, uma área do Pacífico Sul que se estende da Nova Guiné até Fiji. Limita-se ao norte com a Micronésia e a leste com a Polinésia. A Nova Caledônia propriamente dita está situada no Pacífico a mais de 1.500 quilômetros a leste da Austrália. A maioria da população vive na Grande Terre, em Numéia, a capital da Nova Caledônia. Como a Nova Caledônia é um território da França, o francês é a língua oficial. (Ver o mapa e artigo na página 43.)

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é relativamente nova na Nova Caledônia. Diferentemente da Polinésia Francesa, que foi visitada pelos missionários SUD já em 1844, a Igreja só chegou à Nova Caledônia há poucos anos, quando membros polinésios vieram para Numéia trabalhar. Entre eles estava um taitiano chamado Teahumanu Manoï. A história dele, e de como veio a tornar-se o primeiro presidente de distrito da Nova Caledônia, é também a história dos primórdios da Igreja no local. Seus sucessores, primeiro Ricardo Gaya, um europeu, e agora Abel Seiko, um melanésio, são os protagonistas dos capítulos seguintes.

OS POLINÉSIOS

Teahumanu Manoï filiou-se à Igreja no Taiti em 24 de maio de 1954. Não é mera coincidência que se tenha



À esquerda, no alto: **Três homens que representam três culturas diferentes serviram como presidente de distrito na Nova Caledônia: (a partir da esquerda) Teahumanu Manoï, polinésio; Ricardo Gaya, europeu e Abel Seiko, melanésio.** ***À esquerda:*** **Um missionário discursa em uma reunião batismal.** ***À direita:*** **Teahumanu e Térotí Manoï.**

casado no mesmo dia. Do contrário, Térotí não teria se casado com ele. Os pais dela eram membros da Igreja e ela se batizara aos oito anos. Determinada a casar-se somente com um membro da Igreja, Térotí fez um grande esforço para convencer Teahumanu a pesquisar a Igreja.

A princípio, o irmão Manoï resistiu, porque era filho do presidente de uma igreja protestante no Taiti, mas ele amava Térotí e começou a ler alguns materiais que ela lhe dera. Sua conversão se deu quando leu em Doutrina e Convênios sobre o dízimo. Um clero não remunerado à frente de uma congregação que apoiasse sua Igreja por meio do pagamento do dízimo pareceu a Teahumanu algo muito mais cristão do que o que via em outras igrejas. "O serviço de Cristo era voluntário", observa ele. "Então por que o trabalho de Seus servos não deveria também ser voluntário?"

Contudo, como no caso de muitos recém-conversos, Teahumanu deixou obscurecer a luz do evangelho que recebera, e as pressões do mundo ofuscaram seu compromisso inicial. Em 1957, depois de levar a família para Numéia para procurar trabalho, o irmão Manoï começou a fumar e a beber. Térotí jamais aceitaria tal comportamento e voltou para a casa dos pais no Taiti. Teahumanu seguiu-a, com certa apreensão. Quando se casaram, o pai de Térotí dissera a ele: "Estou confiando minha filha a seus cuidados. Se ela voltar para mim um dia, vai ver-se comigo!" Teahumanu pediu perdão a ela e a seu pai e prometeu abandonar para sempre seus maus hábitos. E honrou sua promessa.

Os Manoïs voltaram para Numéia em 1959 e dois anos depois, em 1961, foi organizado o ramo de Numéia. O irmão Manoï foi chamado para ser o presidente.



No início, só havia cinco famílias no ramo e as reuniões aconteciam na casa do presidente Manoï. Depois, passaram a realizar-se em um cinema, posteriormente em outro (onde se improvisavam salas de aula com caixas de cerveja e refrigerantes como divisórias) e finalmente em um restaurante chinês.

"O ramo era meu coração", diz o irmão Manoï. "Mas o local em que nos reuníamos não era bom. Durante nossas reuniões, formavam-se filas de pessoas em frente ao cinema ou o proprietário arrastava garrafas de uísque. Precisávamos de uma capela."

O terreno para a capela finalmente foi comprado em 1970. Parte do trabalho de levantamento de fundos realizado pelo ramo foi fazer apresentações de danças polinésias para os turistas que vinham em cruzeiros para Numéia. Depois de um desses espetáculos a bordo de um navio, o capitão convidou os membros do ramo ao seu escritório. Lá descobriram que ele era um santo dos últimos dias de Utah. O fato de serem membros da Igreja do Senhor criou imediatamente um laço entre eles. Essa experiência foi algo marcante, pois naqueles primeiros anos havia muito pouco contato com membros da Igreja de fora das ilhas.

Os primeiros vislumbres das mudanças que estavam por vir deram-se em 1968. Naquele ano, o Élder Thomas S. Monson, do Quórum dos Doze Apóstolos, dedicou a Nova Caledônia para a pregação do evangelho e chegaram os primeiros missionários, Harold e Jeannine Richards. O primeiro converso deles foi Etienne Sun, de treze anos. Seguiram-se outros missionários e conversos e em 1976 o ramo de Numéia foi dividido. Naquele mesmo ano, foi criado um distrito na Nova Caledônia, fazendo parte da Missão Fiji Suva. O irmão Manoï foi chamado para servir como o primeiro presidente do distrito.

Uma lembrança que Othis, filha do irmão Manoï, tem do pai é vê-lo sempre participando de reuniões. Ele era tão requisitado que às vezes tinha de sair no meio do jantar e só voltava depois de duas ou três horas. É verdade que seu pai muitas vezes estava ocupado, lembra-se ela, "mas a família dos líderes da Igreja sempre recebe bênçãos que superam em muito as dificuldades".

Othis respeita o pai por sua liderança à frente do ramo e do distrito. "Ele nunca revelou à família coisas ouvidas em entrevistas e conversas com os membros da Igreja. Sua preocupação maior era ajudar e compartilhar e não criticar. Muitas vezes, depois de falar com alguém, ele orava e jejuava a respeito de seus problemas. Às vezes, chorava com os membros. Uma irmã que ele tivera de excomungar veio a ele dez anos depois e pediu-lhe que a batizasse novamente na Igreja."

OS EUROPEUS

Enquanto o Presidente Manoï estava supervisionando a construção da tão esperada capela de Magenta (em 1971) e a organização do terceiro ramo de Numéia (em 1978), seu sucessor como presidente do distrito estava sendo apresentado à Igreja — e à liderança na Igreja. Ricardo Gaya não é natural da Nova Caledônia, nem de nenhuma outra ilha do Pacífico. Nasceu



À esquerda: **O irmão e a irmã Manoï com sua filha Othis.** ***À direita:*** **Ricardo Gaya trabalhou em estreita cooperação com os missionários para aumentar o número de batismos de conversos enquanto era presidente de distrito.**







***À esquerda:* Mary Elizabeth, de Vanuatu (no centro) veio para a Nova Caledônia para procurar trabalho. E encontrou — junto com o evangelho de Jesus Cristo — quando conheceu Ricardo e Anita Gaya. *Acima, no alto:* A família Gaya. *Acima:* Gérard e Seloa Mou-Tham, membros pioneiros.**

na França, filho de imigrantes espanhóis que saíram da Espanha depois da guerra civil espanhola. Com o advento da Segunda Guerra Mundial, decidiram sair do continente europeu; assim, levaram a família para a Austrália, onde moraram durante três anos, e finalmente para a Nova Caledônia, de língua francesa.

A família de Anita Gaya está na Nova Caledônia há três gerações. Ela e Ricardo conheceram-se em uma festa e casaram-se em 1968. Três anos depois, os missionários SUD fizeram contato com a mãe de Anita, Gabrielle Laigle, que convidou as duas filhas, Anita e Armelle, para ouvir as palestras junto com ela. Naquela ocasião, Ricardo não demonstrou interesse; estava ocupado demais com seu trabalho e posição de goleiro e capitão de sua equipe de futebol.

Anita e sua mãe batizaram-se no dia 23 de outubro, a data de aniversário de Anita. Ela ficou tão entusiasmada e interessada pela Igreja que Ricardo percebeu que algo importante lhe acontecera. Assim, quando ela pediu-lhe que ouvisse as palestras missionárias, ele concordou e acabou batizando-se em janeiro de 1972, junto com sua cunhada, Armelle Aparisi. O marido de Armelle, Miguel, foi batizado no dia seguinte e alguns meses depois, seu irmão e sua cunhada, François e Madeleine Guerrera, filiaram-se também à Igreja.

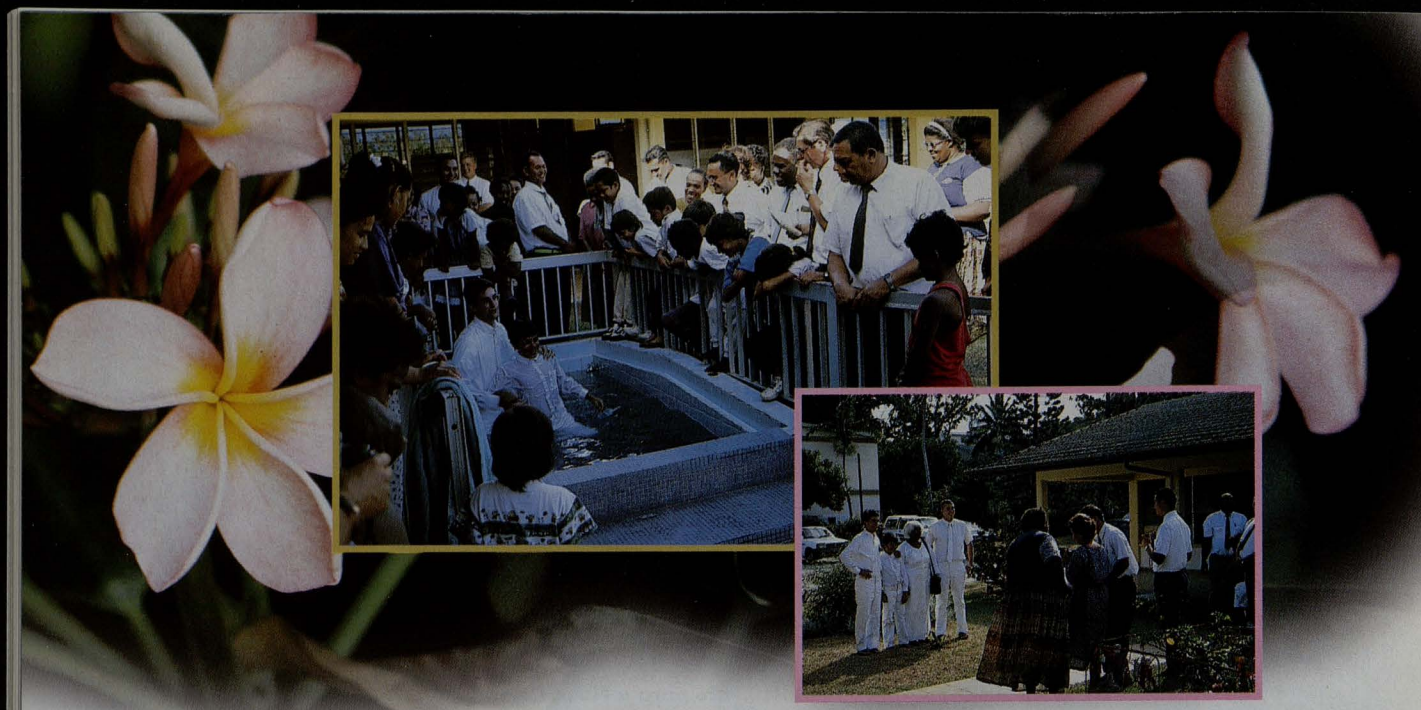
Logo no primeiro contato com o evangelho, algumas pessoas identificam na mensagem dos missionários uma verdade que de alguma forma sempre conheciam, mas nunca reconheceram até ouvi-la. É uma luz familiar. Foi o caso dos Gayas e seus parentes. "A mensagem trazida pelos missionários era como um eco", compara a irmã Gaya. "A forma pela qual descreveram a Igreja é a maneira que sempre imaginei de que devesse ser a Igreja do Senhor. Senti-me em casa."

O irmão Gaya sentiu o mesmo. "Para mim, foi muito simples. A Igreja era o que eu sempre estava esperando. Quando os missionários falaram-nos do dízimo, eu disse: 'Por que não? Se for um mandamento de Deus, vamos cumpri-lo'. Não tomar bebidas alcoólicas, isso sim foi algo difícil."

Uma mudança ainda *mais* penosa para o irmão Gaya foi parar de jogar futebol aos domingos. Para ele, esse foi um enorme sacrifício. Na qualidade de capitão da Association Sportive Le Nickel-SLN, sentia-se responsável por seus companheiros de equipe e a obrigação de colocar-se à disposição para todas as partidas; e na Nova Caledônia, os treinos do futebol profissional acontecem somente no domingo. Ele era um excelente jogador e fora o goleiro da equipe de futebol nacional nos dez anos anteriores. Contudo, quando foi chamado como conselheiro na presidência do ramo, percebeu que seria impossível continuar a competir. "Eu não poderia trilhar dois caminhos opostos", afirma. Ele recusou-se a permitir que o futebol interferisse em seus deveres para com o Senhor, abandonou as competições e fez do futebol apenas um hobby.

No dia 3 de março de 1973, Ricardo, Anita e seus dois filhos, além da mãe de Anita, foram os primeiros membros a viajar da Nova Caledônia para a Nova Zelândia para serem selados no templo para o tempo e a eternidade.

Em 1974, a firma do irmão Gaya transferiu-o para a sede da empresa, em Paris, França. "Os cinco anos em que estivemos lá foram muito enriquecedores espiritualmente", diz ele. Nesse período, ele foi chamado como bispo da Ala Versailles e serviu por nove meses até que a



companhia transferiu-o de volta para a Nova Caledônia. Menos de dois anos depois de seu retorno, em maio de 1981, foi chamado como presidente de distrito, permanecendo no cargo por quase dezesseis anos.

Em alguns aspectos, a administração do Presidente Gaya marcou uma transição para a Igreja na Nova Caledônia. A Igreja recebeu conversos em maior quantidade e também cresceu em força e maturidade, tornando-se capaz de servir melhor aos diferentes grupos culturais do país. Quando o presidente Gaya foi desobrigado em novembro de 1996, havia cinco ramos no distrito, quatro em Numéia e outro em Tontouta, cerca de 50 quilômetros ao norte da capital. Dois dos ramos foram organizados para atender especificamente aos membros polinésios.

Durante esse período, o irmão Gaya foi auxiliado por alguns conselheiros fiéis, um dos quais, Jacques de Geoffroy, serviu com ele durante 15 anos. A origem do irmão Geoffroy — uma mistura de europeus, melanésios e indonésios — é um reflexo das várias culturas que compõem a Nova Caledônia e foi algo que contribuiu muito para a aproximação tanto dos membros novos como dos antigos. Outro conselheiro, chamado em 1995, foi Abel Seiko, natural da Melanésia. O chamado preparou-o para tornar-se o presidente do distrito quando o presidente Gaya foi desobrigado.

OS MELANÉSIOS

"Durante a segunda metade dos anos 80 e agora nos 90, um número maior de melanésios tem-se filiado à Igreja", diz o irmão Gaya. "Antes tínhamos um total de 20 a 30 batismos por ano; atualmente são 80 ou 90, e a maioria são de melanésios. Creio que agora chegou a sua vez de aceitar o evangelho. É por isso que hoje temos o irmão Seiko como nosso presidente de distrito. Ele tem um grande trabalho a realizar com os melanésios."

Acima: **Mary Elizabeth e um rapaz de Numéia foram batizados no mesmo dia.** ***À direita:*** **Abel Seiko, o atual presidente de distrito.**

Abel Seiko nasceu em Lifou, mas estava morando em Numéia quando os missionários bateram à sua porta. Ele e sua futura esposa, Louise, receberam as palestras durante dois meses e decidiram batizar-se. Contudo, enfrentaram dois sérios obstáculos. Na Melanésia, a tribo é considerada uma extensão da própria família e todas as decisões importantes precisam passar pela aprovação dos pais da pessoa e dos chefes tribais. Abel e Louise não haviam recebido permissão para casar-se.

O segundo problema talvez fosse ainda mais difícil. Missionários protestantes de Londres haviam estado em Lifou em 1842 e desde aquela época a tribo de Abel abraçara sua religião. Mudar de religião era uma demonstração de rejeição à tribo.

Mas Abel recebera um testemunho. Sabia que precisava filiar-se à Igreja do Senhor e que tinha de casar-se. Armou-se de toda a coragem de que dispunha e foi a Lifou pedir permissão aos pais e à tribo.

"Primeiro, pedi autorização a meu pai para casar-me.

Ele disse: 'Não. Esse não é o costume. É preciso esperar que seu irmão mais velho se case antes'.

Respondi: 'Não posso esperar, porque sei que não estou vivendo a lei de Deus e quero filiar-me à Igreja verdadeira'.

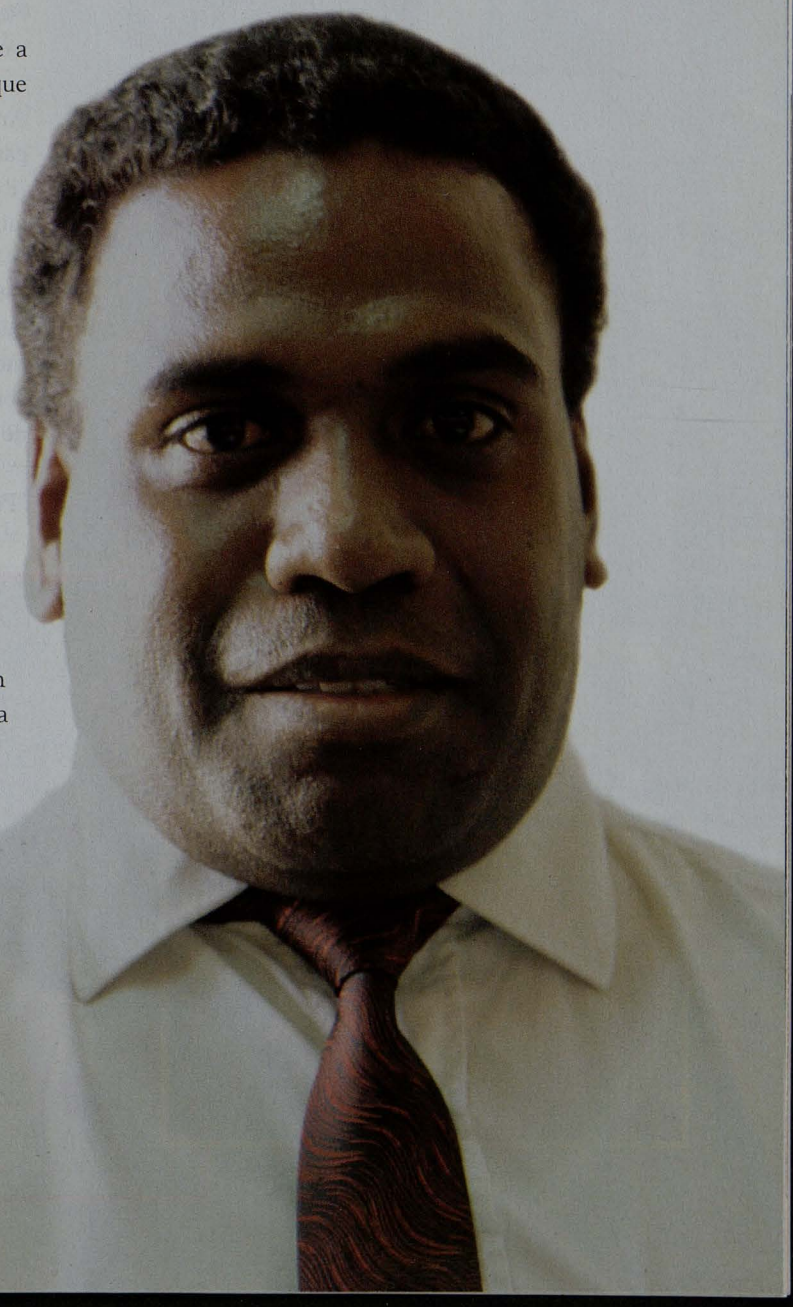
Meu pai então disse: 'Não darei minha autorização, mas você é livre para agir como quiser. Se decidir casar-se, não irei ao casamento'."

Ao reunir-se com os anciões da tribo, Abel teve a impressão de estar em um julgamento. Disseram-lhe que não devia casar-se ou batizar-se em outra igreja. Abel declarou que recebera permissão dos pais para fazer o que desejasse. E sua vontade era casar-se e entrar para A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Nesse momento, os anciões pediram um grande pedaço de madeira para bater nele. Felizmente, o sumo sacerdote chegou antes e disse: "Ninguém vai ser castigado aqui", conforme se lembra Abel. "'Mas não queremos nenhuma outra religião em nossa tribo. Se quiser filiar-se a outra igreja, não pertencerá mais à tribo'."

Assim, Abel voltou para Numéia e casou-se. Ele e Louise batizaram-se em 1977. O casamento foi simples, "não como em Lifou", diz ele. "Lá é muito caro, e todos devem dar ao casal qualquer coisa que os chefes determinarem. Às vezes, as pessoas precisam alugar a casa ou fazer um empréstimo bancário para conseguir o dinheiro necessário. Mas fizemos nosso casamento de acordo com os conselhos da Igreja: uma cerimônia simples com os amigos e a família". A mãe de Abel assistiu ao casamento, mas o pai, para cumprir sua palavra, não compareceu.

O vínculo com a tribo é muito forte. Abel descobriu isso um ano após o batismo, quando, segundo recorda, "meu coração começou a ter saudade de meus pais e



minha tribo". Nessa época, ele levou a família de volta para Lifou. Sem um ramo da Igreja lá, perdeu o contato com sua nova religião por seis anos.

O irmão Seiko recorda-se: "Durante aqueles seis anos, eu não tinha um bom emprego e enfrentava problemas com minha esposa. Nada estava indo como eu queria. Então, depois de uma grande discussão, Louise voltou para Numéia. Ela sabia que não era bom estar longe da Igreja. Fiquei sozinho na ilha. Depois de sua partida, fui para casa e orei a noite inteira para ter o Espírito novamente".

Alguns dias depois, o irmão Seiko recebeu a resposta. Antes de poder ter a paz que desejava, tinha de voltar para a Igreja. "Sabia que a Igreja era verdadeira", diz ele, "e que precisava arrepender-me. Desde aquele momento, minha meta é trabalhar para o Senhor o tempo todo."

E trabalho é o que não lhe falta. Desde aquela época, ele já serviu como professor da Primária, presidente do quórum de élderes, conselheiro em duas presidências de ramo, presidente de ramo, membro do sumo conselho, conselheiro na presidência de distrito e agora presidente de distrito.

Sua meta é ver o distrito tornar-se uma estaca. "Precisamos de 1.500 membros para formar uma estaca",





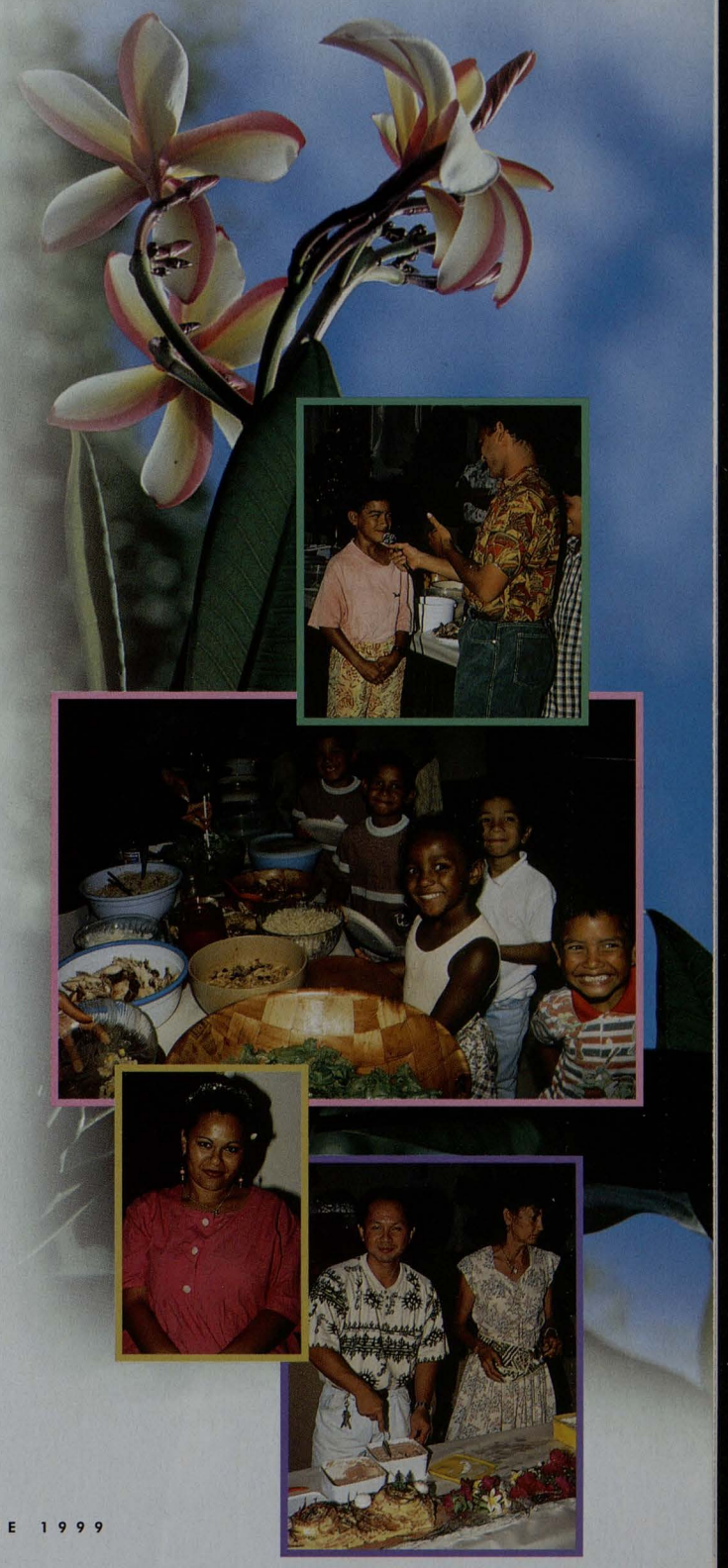
diz ele. "Precisamos de mais 200 ou 300 membros. Esse é o nosso desafio."

TODOS DE UMA SÓ FAMÍLIA

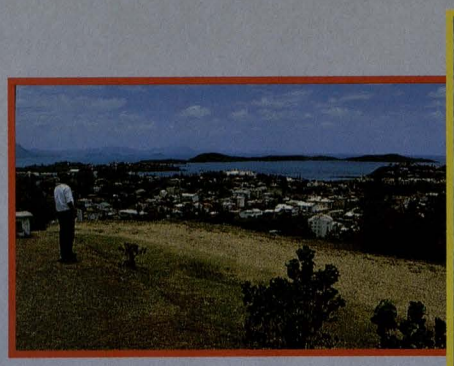
"Os melanésios são pessoas fiéis e que crêem", diz o Presidente Seiko. "E muitos de seus costumes são semelhantes aos ensinamentos da Igreja, o que os ajuda a aceitar o evangelho. Um dos costumes é compartilhar. Ajudar é um costume local; assim, quando ouvem o que é ensinado na Igreja, os melanésios são atraídos a ela. Outro aspecto que os aproxima do evangelho é a grande importância que a Igreja dá à família. O exemplo dos membros também ajuda bastante. Eles podem ver pessoas que fizeram mudanças positivas na vida."

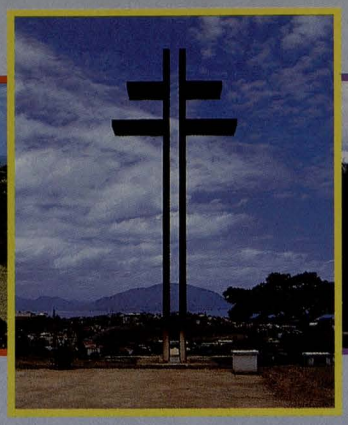
Uma das mudanças mais positivas que as pessoas percebem é o amor e o respeito que os membros da Igreja têm uns pelos outros. Na mistura de culturas às vezes instável da Nova Caledônia, o exemplo de união dos membros é algo digno de nota. O irmão Gaya recorda um período, em 1984 e 1985, em que houve tensão política na Nova Caledônia. "A população nativa da Nova Caledônia, os kanaks, ou pelo menos o partido político que os representava, estava fazendo pressão pela independência. Já os franceses queriam permanecer como cidadãos da França. Assim, tínhamos dois partidos políticos lutando entre si". Os embates às vezes se tornaram violentos.

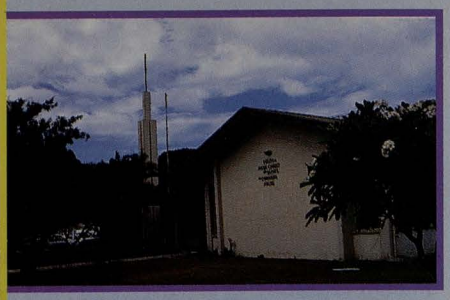
"Em 1986, alguns funcionários do governo francês visitaram-nos e perguntaram qual era a posição da Igreja: 'A Igreja quer que o país se torne independente ou que



À esquerda: **A Nova Caledônia é famosa pelo windsurf. Está tornando-se conhecida também como um local em que brilha a luz do evangelho no Pacífico Sul, à medida que os missionários (à esquerda) e os membros como William Béalo e o Presidente Seiko (à esquerda) divulgam as verdades da Restauração.** ***À direita:*** **Comemoração do Natal no ramo Rivière Salée com comida, diversão, apresentações improvisadas e sorrisos.**







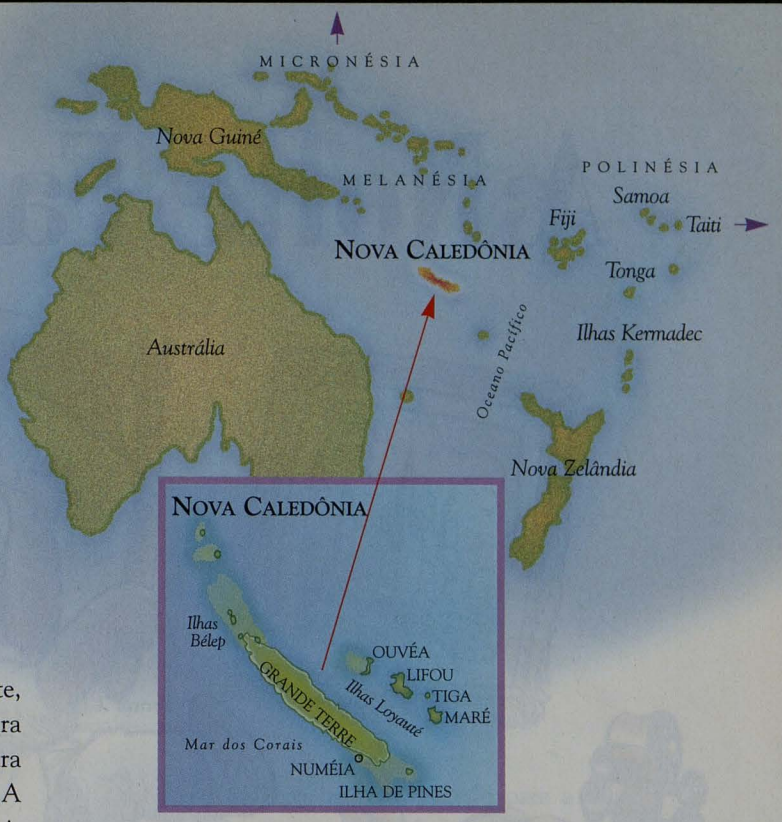
permaneça como território da França?' Respondi: 'Não discutimos questões políticas em nossas reuniões. Nosso desejo é estar perto do Senhor. Queremos guardar Seus mandamentos: amá-Lo e amar nosso próximo. Não somos apenas franceses, polinésios ou melanésios. Acima de tudo, somos membros de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias'.

Acho que só havia uma igreja em todo o país em que todas as comunidades podiam reunir-se ao mesmo tempo sem problemas, e era a Igreja SUD. Quando um europeu se tornou o líder, os polinésios e os melanésios o seguiram. Quando foi chamado um melanésio, todos também o apoiaram."

Esse espírito de unidade e aceitação torna-se evidente ao conversarmos com os líderes e membros da Igreja da Nova Caledônia. Eles aprenderam que embora haja muitas culturas no mundo, cada uma com seus pontos fortes, a Igreja aceita e fortalece todas elas. Essas ilhas de luz no Pacífico Sul estão mostrando que independentemente de nossa nacionalidade, língua ou cultura, somos todos membros da mesma família: a família de Deus.

Filiar-se à Igreja é simplesmente voltar para casa. □

Acima, a partir da esquerda: **Vista panorâmica de Numéia. Uma cruz francesa perto de onde o Élder Thomas S. Monson dedicou a Nova Caledônia em 1968. A capela de Magenta foi a primeira capela da Igreja construída na Nova Caledônia.**



NOVA CALEDÔNIA: O LOCAL E SEUS POVOS

A Melanésia, da qual a Nova Caledônia faz parte, recebeu esse nome devido aos imigrantes de pele escura que vieram da região da Nova Guiné e Austrália para essas ilhas do Pacífico Sul há cerca de três mil anos. A área é caracterizada por grandes ilhas montanhosas habitadas por mais de 900 grupos lingüísticos distintos, chamados coletivamente de kanaks. Até a colonização européia no século 19, esses grupos tinham pouco contato entre si e, com poucas exceções, viviam em sociedades tribais sem classes.

A maior ilha da Nova Caledônia, e a sexta maior do Pacífico Sul, é a Grande Terre. A leste da Grande Terre estão as Ilhas Loyauté, e as principais delas que são habitadas são Ouvéa, Lifou e Maré. Outras ilhas habitadas da Nova Caledônia incluem a Ilha de Pines, ao sul da Grande Terre, as Ilhas Bélep ao norte e várias ilhas menores espalhadas nas redondezas.
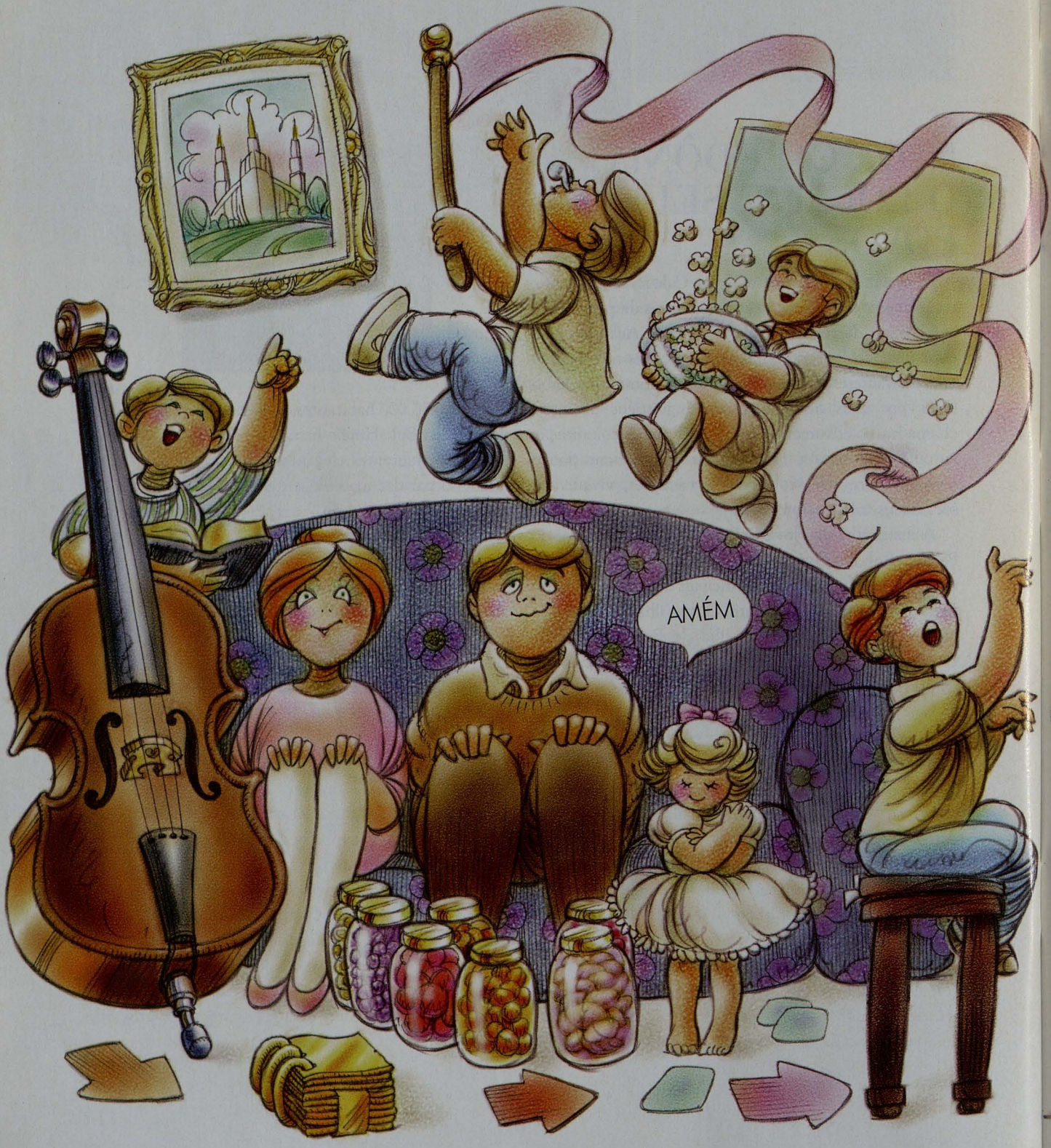
Cerca de 46 por cento da população da Nova Caledônia é melanésia. Mais de um terço (35%) é européia, principalmente francesa, concentrada na Grande Terre. Cerca de 13 por cento é polinésia. O restante tem raízes na Ásia (principalmente Vietnã e Indonésia), Antilhas e Oriente Médio.

Enquanto grande parte da Melanésia está em maior ou menor grau imersa na cultura tradicional insular, a Nova Caledônia, principalmente a cidade de Numéia na Grande Terre, é uma grande exceção. Anexada pelo imperador Napoleão III, a Grande Terre tornou-se colônia da França em 1853. As Ilhas Loyauté foram anexadas em 1866. Hoje, a Nova Caledônia permanece como território da França e Numéia, uma cidade cosmopolita de 100.000 habitantes, às vezes é chamada de Paris do Pacífico Sul. Hotéis luxuosos enfileiram-se em suas praias e restaurantes elegantes servem pratos que satisfazem ao paladar mais exigente. Com um clima ameno semelhante ao do sul do França, Numéia recebe muitos turistas e há esportes aquáticos o ano inteiro em suas muitas baías e enormes recifes de coral. Regularmente, sedia campeonatos mundiais de *windsurf* e, não raro, os vencedores são os próprios esportistas locais.

O turismo é a segunda maior fonte de renda da Nova Caledônia, perdendo apenas para a extração de níquel. A Grande Terre contém 25 por cento das reservas mundiais de níquel e fica em terceiro lugar na produção de níquel do mundo. O minério bruto vai para Numéia para ser processado e exportado, fazendo da cidade um grande centro de atividade econômica na região.

Um local de grandes contrastes entre a cultura européia e insular, a Nova Caledônia viveu momentos de tensão política nos anos 80, quando os melanésios nacionalistas começaram a exigir a independência do território da França. O governo francês resistiu e mais de 60 pessoas, francesas e melanésias, perderam a vida no conflito que se seguiu. A paz veio em 1988, por meio de acordos que mantiveram a Nova Caledônia unida à França, mas permitiram uma maior representatividade kanak. □

A Noite Familiar Não P



o Precisa Ser Perfeita



Paul J. Rands
ILUSTRADO POR N. KAY STEVENSON

Nenhum de nós se havia preparado para a noite familiar. Demo-nos conta disso no domingo de manhã a caminho da Igreja. Infelizmente, nossos horários só permitiam que realizássemos a noite familiar nas tardes de domingo. Drew, nosso filho de cinco anos, anunciou imediatamente que poderia fazer a pipoca do lanche. Stuart, de doze anos, resmungou quando lembramos que ele era o responsável pela aula e as brincadeiras. Parecia também que a designação especial de talento não seria muito especial.

Após as reuniões regulares, eu e meus filhos tivemos de permanecer na Igreja para participar de outra reunião enquanto minha esposa, Sandi, tocava piano no ensaio do coro. Na volta para casa, Stuart comunicou-nos que enquanto esperávamos, ele pegara emprestado um manual de noites familiares na biblioteca da capela e já havia preparado a aula. As perspectivas começavam a melhorar.

Naquela tarde, nosso filho Curt, de sete anos, deu as boas-vindas a todos e pediu que Holly, nossa filha de dois anos, fizesse a primeira oração. Naquele momento, Holly quebrou uma regra da família ao tentar mexer nos livros didáticos de piano de Sandi. Nós a convencemos a vir

Embora nossa noite familiar não tenha sido perfeita, foi boa para nós. Gostamos de estar juntos, aprendemos algumas coisas, todos participaram pelo menos parte do tempo e a maioria participou a maior parte do tempo.

para a frente, onde tentamos ajudá-la a fazer a oração. Mas ela dizia apenas: "Amém". Logo descobrimos que precisávamos mudar sua fralda, e Sandi tirou-a da sala.

Os meninos e eu discutimos o que faríamos para conseguir assistir à apresentação da orquestra de jazz de Stuart, à partida esportiva de Drew e Curt e permitir que Sandi concluísse um projeto de serviço na Igreja, tudo na quarta-feira. Sandi e Holly voltaram a tempo de ouvir e aprovar nossos planos.

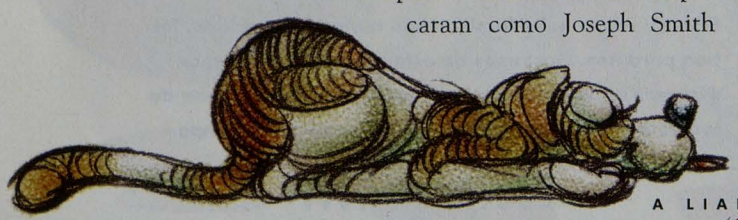
Curt anunciou então o momento da apresentação de talentos. Enquanto Holly tocava algumas notas a esmo no piano, nosso filho Spencer, de 10 anos, tocou sua mais recente peça no violoncelo. Em seguida, Sandi e Stuart tocaram um dueto animado no piano.

Tínhamos despendido tanto tempo com as apresentações que todos concordamos quando Sandi sugeriu que cantássemos só mais uma vez em nosso tempo de música. Ela pegou um livro de música e tocou uma marcha. Stuart e eu dirigimo-nos ao piano para cantar perto dela, os três pequeninos ficaram marchando ruidosamente em volta da sala e Spencer deitou-se no sofá.

Gostamos tanto de cantar que insistimos para que Sandi tocasse mais uma música. Cantamos novamente, e Spencer veio para perto de nós no piano enquanto os pequeninos expandiram a rota de sua marcha, incluindo os quartos de cima e pulos no sofá. Sandi continuou a tocar enquanto eu me esforçava para excluir os saltos da coreografia. Acabamos cantando mais três músicas.

A aula de Stuart começou com uma caça ao tesouro. Seguimos algumas setas de papel que haviam sido colocadas do chão até chegarmos a duas cestas cobertas, uma sobre a outra e a maior delas com uma tira de papel na forma da letra X. As crianças se aglomeraram quando abrimos a menor, rotulada de "Tesouro Oculto de Guloseimas", e todos receberam um doce. Stuart abriu então a cesta maior, rotulada "Tesouro Espiritual Oculto". Dentro havia um Livro de Mórmon.

Stuart disse-nos que o Livro de Mórmon havia sido um "tesouro oculto". Perguntou o que isso queria dizer e Curt e Spencer alternadamente explicaram como Joseph Smith obtivera as placas de ouro de seu esconderijo no monte Cumora. Sandi e eu sentamo-nos e ouvimos enquanto as crianças respondiam às perguntas de Stuart e Holly desceu as escadas atrás de outro tipo de tesouro. Ela voltou com as cartas de um jogo. Ignoramo-la, pois não estava incomodando ninguém. A discussão continuou por alguns instantes, enquanto Holly fez várias outras viagens para o andar de baixo. Drew perdeu o interesse e rapidamente começou a brincar com Holly e suas cartas. Stuart terminou com seu testemunho do Livro de Mórmon e desafiou cada um de nós a ler todos os dias durante um mês. Deu-nos também gráficos para acompanharmos e registrarmos nosso progresso na leitura.



Spencer comentou que ele e seu amigo Adam ficaram folheando o Velho Testamento depois da Primária naquele dia e encontraram uma passagem que dizia: "A verdade brotará da terra". (Salmos 85:11) Ele pegou sua Bíblia e leu a passagem, explicando que aprendera que esse versículo se referia ao Livro de Mórmon.

A discussão agora estava informal e espontânea. Curt perdera o interesse e estava brincando com Holly e Drew. Salientei que há outras passagens bíblicas que aludem ao Livro de Mórmon e seu esconderijo subterrâneo. Lemos: "E será a tua voz debaixo da terra, como a de um que tem espírito familiar, e a tua fala assobiará desde o pó". (Isaías 29:4)

Spencer comentou que outras igrejas não interpretavam essas passagens da mesma forma. Por essa razão, disse ele, precisamos de um testemunho espiritual de que o Livro de Mórmon é a palavra de Deus. Isso me inspirou a pedir a Stuart que contasse como recebera seu testemunho do Livro de Mórmon. Ele respondeu que fora por meio do estudo e da oração. Depois de procurar um pouco, leu-nos a promessa que está em Morôni 10:3–5.

A aula de Stuart, uma de nossas melhores, já durava uns 20 minutos, e as três crianças menores estavam começando a brigar por causa das cartas. Como Stuart não havia planejado brincadeiras, alguém sugeriu que fizéssemos nosso jogo de mímica preferido utilizando somente as histórias do Livro de Mórmon.

Stuart sentou-se no banco do piano e pregou enquanto se esquivava de pedras e flechas imaginárias. Logo adivinhamos que se tratava de Samuel, o Lamanita. Representei Enos caçando na floresta e orando o dia inteiro. Sandi fez um buraco e enterrou sua espada;

reconhecemos os amonitas. As crianças menores só conseguiam pensar em histórias da Bíblia, assim usamos as *Histórias Ilustradas do Livro de Mórmon* para ajudar. Acabamos assistindo a pantomimas de Amom defendendo os rebanhos do rei Lamôni e Cristo aparecendo ao irmão de Jarede. Essa brincadeira pode facilmente se estender pela noite inteira em nossa casa, mas paramos depois de uma rodada.

Spencer, Drew e eu fizemos pipoca e Sandi preparou um suco. Conversamos em volta da mesa até a pipoca acabar. Todos aprovaram a sugestão de Stuart de planejar um horário para irmos ao parque para correr e caminhar; assim, organizamos um passeio em família enquanto estávamos ao redor da mesa. Mais tarde, na hora de dormir, fizemos a oração familiar.

Embora nossa noite familiar não tenha sido perfeita, foi boa para nós. Gostamos de estar juntos, aprendemos algumas coisas, todos participaram pelo menos parte do tempo e a maioria participou a maior parte do tempo.

Algumas das coisas que aprendemos ao realizar a noite familiar com crianças pequenas talvez possam ajudar também outras pessoas:

1. Estabelecer um dia e horário regular;
2. Fazer o acompanhamento das designações. Tivemos a sorte de ter uma noite familiar tão boa, uma vez que não nos tínhamos preparado adequadamente. Não se devem deixar as designações importantes ao acaso;
3. Não passar tempo demais tratando dos negócios da família. Se essa parte demorar mais que o previsto, muitos dos membros da família acabam perdendo o interesse. Podem-se discutir muitos assuntos familiares em outras ocasiões;
4. Ser flexível. Quando vimos que era divertido cantar em família, prolongamos essa atividade;
5. Concentrar a lição em uma única idéia e fornecer ilustrações que facilitem a compreensão da maior parte dos membros da família. *Noite Familiar Livro de Recursos* (que pode ser adquirido nos centros de distribuição da Igreja) contém diversas idéias e pode economizar muito tempo;
6. Ministrar aulas curtas: em alguns casos, de cinco a dez minutos bastam;
7. Abordar assuntos relevantes para a família nas aulas;
8. Deixar as crianças pequenas temporariamente à vontade quando perderem o interesse, mas envolvê-las novamente se começarem a perturbar os outros;
9. Aproveitar as oportunidades de ensino;
10. Fazer brincadeiras que todos apreciem. As crianças gostam muito de jogos, que podem contribuir para que desenvolvam uma atitude positiva em relação à noite familiar que perdure mesmo quando as aulas não forem perfeitas ou a discussão dos assuntos familiares se prolongue demais.

Assim como em nosso caso, nem todas as suas noites familiares serão perfeitas. Mas se continuarem a realizá-las, serão abençoados em seus esforços e receberão inspiração sobre como melhorá-las. □



Stuart pregou enquanto se esquivava de pedras e flechas imaginárias. Logo adivinhamos que se tratava de Samuel, o Lamanita.

ANDAR A SEGUNDA MILHA

Lisa M. G. Crockett
ILUSTRADO POR STEVE KROPP

A gratidão é uma qualidade maravilhosa que todos nós devemos desenvolver, mas você já parou para pensar se as pessoas são ou não gratas por você? Segue-se uma lista de coisas que você pode fazer para ajudar os outros e que podem fazer com que as pessoas se sintam felizes por conhecer você e ter a sua companhia.

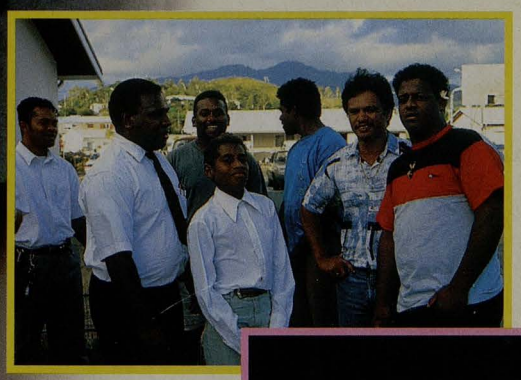
- Todos gostam de ouvir *por favor* e *obrigado*, até mesmo em casa (aliás, especialmente em casa);
- Seja pontual. Se tiver que se atrasar por alguma razão, tente avisar as pessoas;
- Faça o que for certo. Seus amigos agradecerão por seu bom exemplo;
- Ajude o próximo;
- Preste seu testemunho quando a ocasião for oportuna;
- Se disser que fará alguma coisa, faça-a;
- Ande a segunda milha nas tarefas domésticas, nos deveres da escola e nos chamados da Igreja;
- Ofereça-se para ensinar uma pessoa a fazer algo que você sabe fazer bem;
- Sorria ou cumprimente com entusiasmo alguém que estiver triste;
- Se sujar ou desarrumar alguma coisa, limpe, arrume;
- Quando discordar de alguém numa conversa, seja educado. A contenda afasta o Espírito; porém, as boas maneiras transmitem respeito;
- Faça pequenos favores: arrume a cama de sua irmã, ou lave os pratos para sua mãe;
- Divida o que você tem com os outros;
- Mostre-se feliz e interessado quando outras pessoas tiverem boas notícias para dar. □

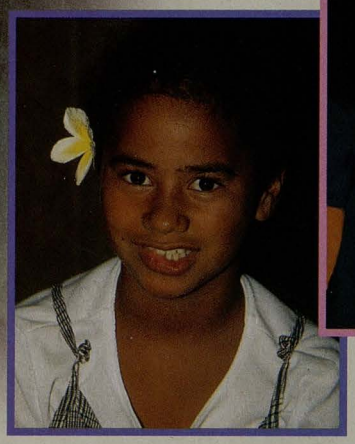


A Cura da Mulher que Tinha um Fluxo de Sangue, de James Jacques Joseph Tissot

Certa mulher que há 12 anos sofria de um fluxo de sangue tocou a orla da roupa de Jesus pensando: "Se eu tão-somente tocar a sua roupa, ficarei sã". Jesus percebeu que ela O tocara, virou-Se e disse: "Tem ânimo, filha, a tua fé te salvou" e ela "imediatamente (. . .) ficou sã". (Mateus 9:20–22)









Na Nova Caledônia, a Igreja avança à medida que os membros fiéis se dedicam integralmente à obra do Senhor.
Ver "Ilhas de Luz", página 32.

PORTUGUESE
4 02999 88059 3